

Seção 6: O desafio Freud: tradução e desdobramentos de sua obra.

A assimilação do texto freudiano no con-texto contemporâneo*

Meu comunicado pretende demonstrar como a linguagem de Freud, sobretudo a psicanalítica, foi assimilada por diversos autores sem que esses necessariamente saibam. Falam Freud sem se darem conta dessa fala e muitas vezes já à assimilam como própria. Ou seja: a desonestidade não é intelectual mas inconsciente, portanto, não há dolo. Escolho, não por acaso, um trabalho recente realizado à quatro mãos pelo renomado teólogo Leonardo Boff e pela não menos afamada escritora Rose Marie Muraro, 'Feminino e masculino – Uma nova consciência para o encontro das diferenças'.

Registro como no texto de ambos, não muito entusiasmados com o freudismo, estão incorporados os traços teóricos e literários do médico de Viena. Na verdade o que se tem não é uma nova consciência, mas um esforço ético dos autores, em parte inconsciente, de resgate de uma renovada consciência, já legada outrora à humanidade pela psicanálise. Não é por acaso que Freud, nas palavras do coordenador da seção, Luiz Alberto Hanns, seja atualmente o mais lido e discutido autor de língua alemã. No entanto não custa lembrar: "... I had to pay heavily for this bit of good luck. People did not believe in my facts and thought my theories unsavory. Resistance was strong and unrelenting. In the end, I succeeded. But the struggle is not yet over. Freud recording a BBC broadcast, december 7, 1938."

Section 6: Freud's challenge: translation and outcomes from his work.

Assimilation of Freud's text into a contemporary context

My communication intends to show how Freud's language, chiefly the psychoanalytic one, was assimilated by various authors who are not necessarily aware of it. They mention Freud without even noticing it and many times have assimilated such discourse as their own. It means: dishonesty is not intellectual but unconscious; thus, there is no fraud. It is not by chance that I choose a recent work accomplished by the renowned theologian, Mr. Leonardo Boff, in partnership with the not less distinguished writer, Ms Rose Marie Muraro, "female and male - A new consciousness to achieve differences". It is conveyed how much from the Viennese doctor's theorist and literary features are incorporated in their text, although neither of them is quite enthusiast about Freudianism. Actually, it is not a new consciousness that presents itself, but an ethic effort from the authors, partly unconscious, to rescue a renewed consciousness, already transmitted formerly to mankind by psychoanalysis. Not coincidently, as stated by the coordinator of this section, Mr. Luiz Alberto Hanns, Freud is presently the mostly read

* 1Trabalho apresentado pelo Departamento de Letras da USP no XI CONGRESSO DE GERMANISTAS LATINO-AMERICANOS, promovido pela ALEG – Associação Latino-americana de Estudos Germanísticos, ocorrido nas cidades de São Paulo, Paraty e Petrópolis, de 27 de setembro a 03 de outubro de 2003.

and discussed writer in German language. However, it is not worthless to remember: "... I had to pay heavily for this bit of good luck. People did not believe in my facts and thought my theories unsavory. Resistance was strong and unrelenting. In the end, I succeeded. But the struggle is not yet over." (Freud recording a BBC broadcast, December 7, 1938.)

A assimilação do texto freudiano no con-texto contemporâneo

1. Considerações iniciais

*Fluctuat nec mergitur*¹

Freud encerra a quinta parte de seu trabalho *Das Unbehagen in der Kultur*, traduzido como *O mal-estar na civilização*, mas que preferimos *O mal-estar na Cultura*, citando:

Quando, como toda justiça, consideramos falho o presente estado de nossa civilização, por atender de forma tão inadequada às nossas exigências de um plano de vida que nos torne felizes, e por permitir a existência de tanto sofrimento, que provavelmente poderia ser evitado; quando, com crítica impiedosa, tentamos pôr à mostra as raízes de sua imperfeição, estamos indubitavelmente exercendo um direito justo, e não nos mostrando inimigos da civilização.²

Podemos esperar efetuar, gradativamente, em nossa civilização alterações tais, que satisfaçam melhor nossas necessidades e escapem às nossas críticas. Mas talvez possamos também nos familiarizar com a idéia de existirem dificuldades, ligadas à natureza da civilização, que não se submeterão a qualquer tentativa de reforma.(...)

O presente estado cultural dos Estados Unidos da América nos proporcionaria uma boa oportunidade para estudar o prejuízo à civilização³, que assim é de se temer. Evitei, porém, a tentação de ingressar numa crítica da civilização americana; não desejo dar a impressão de que eu mesmo estou empregando métodos americanos.⁴

É ilustrativo lembrar que *Freud: Conflito & Cultura*, considerada a maior e mais polêmica exposição temática no gênero⁵ foi, curiosamente, organizada por uma iniciativa da Biblioteca do Congresso norte-americano.⁶

A biblioteca desse “império da era moderna” deu início na década de 40 à *Coleção Sigmund Freud*, e conta hoje com mais de 50 mil itens.⁷ Tudo começa em 1942 quando David Baumgardt, um afamado analista, faz uma modesta doação. Depois um acordo da Biblioteca com os Sigmund Freud Archives de NY e principalmente após a histórica, e por que não intrigante doação de Anna Freud em 1970; e ainda, doze anos depois, com sua morte, a chegada copiosa de materiais, ficam os americanos com um acervo invejável. Teria dito a filha diletta de Freud aos seus curadores: “doei [os papéis] à Biblioteca do Congresso porque a biblioteca de vocês é a *maior do mundo*⁸, e eu sabia que estariam seguros nela”.⁹

A controversa mega-exposição americana foi organizada para ser aberta ao público em 1995, nos EUA, no entanto desencadeou a reação¹⁰ de muitos intelectuais, que chegaram mesmo a redigir um abaixo-assinado com 47 assinaturas, questionando a parcialidade da mostra e fazendo a exigência da participação de críticos da obra de Freud, o que levou a Biblioteca do Congresso a suspender a exposição. A reação desses intelectuais e acadêmicos, por outro lado, desencadeou manifestações, por vezes ardentes, de um significativo contingente de defensores da psicanálise, que exerceram pressão para que fosse realizada a mostra. Passados então três anos e com os devidos ajustes, a exposição foi finalmente aberta ao público no coração da capital americana.¹¹ Itinerante

seguiu seu caminho passando por diversos cantos do mundo, tendo estado, afortunadamente, no Brasil, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.¹²

Faço essas considerações iniciais em torno da exposição *Freud: conflito & cultura*, que não recebeu esse nome por acaso, para oferecer, mesmo que pontualmente, o clima de impressionante abalo que a vida e a obra de Freud produziu na humanidade nesses últimos cem anos, sobretudo na cultura do ocidente. Suas decisivas descobertas e teorias, sua fala e seu discurso, o corpo e a alma de sua própria biografia, estão como impregnadas e incorporadas em corações e mentes. Deificado por alguns, demonizado por outros, surge como o maior pensador do século, afinal sua obra influenciou a cultura de todo o século XX, e, certamente, consta ele da lista dos maiores do milênio, ao lado de outros pesos pesados do pensamento, como o genial Leonardo Da Vinci.

Observem que falo em *maior* pensador. Que melhor lugar para a defesa do acervo do maior pensador que a *maior* biblioteca do *maior* país do mundo? Estaria, afinal, sob a custódia do poderoso Império norte-americano. Que sentimentos mobilizavam Anna quando da doação? Ainda as penosas lembranças da devastadora guerra em que a Europa esteve mergulhada, da qual foi personagem juntamente com seu querido pai, que presenciou ainda em vida a queima de seus livros¹³? Gratidão aos aliados capitaneados pelo EUA, que libertaram sua pátria das forças de ocupação? Confiança no espírito organizado e eficiente dos americanos que herdaram bem o espírito prático de seus antigos colonizadores?¹⁴ Questões relevantes de cunho pecuniário? Who nows?

Podemos concordar com Anna Freud e admitir que sob os cuidados dos americanos os (as) arquivos (idéias) de Freud estariam seguros(as)? Talvez por um lado sim, no entanto aprendemos com a psicanálise que devemos ter sob suspeita as relações de causa e efeito: *fez isso por causa disso, isso se deve a isso, etc.*. Lembro aqui as famosas séries complementares de Freud, onde se atenta para a ilusão da causa única, do encadeamento ou monocausalidade encadeada, das ainda insuficientes teorias da causa múltipla de Kurt Lewin e da ação recíproca, que também não podem dar conta da complexidade dos fatores intervinientes. A teoria dos “porquês” introduzida por Freud descreve uma sequência interdependente de causas que interatuam num aleatório sem fim e que se aproxima mais de um possível modelo explicativo dos fenômenos psíquicos e psicopatológicos.¹⁵

Com isso quero dizer que a aceitação das idéias de Freud feitas pelos “interessados” podem ser, por vezes, mais deletérias que a oposição franca oferecida pelos adversários. Penso, por exemplo, que o movimento de *resistência* que foi oferecido por setores da *intelligenza americana* à exposição *Freud: conflito e cultura* veio para acrescentar, afinal um pensador diferenciado merece as *culturais* críticas, excluindo, é claro, os “piches” vazios dos *conflitos* detratores.

Estamos diante das tão conhecidas resistências à psicanálise que seu criador chegou a vaticinar que seria mesmo o seu destino, ou seja, ser resistida. Ora, sabemos que as resistências atualizam operações defensivas do passado do sujeito onde se busca evitar um afeto doloroso ou até mesmo traumático, e que toda gama de representações psíquicas (emoções, atitudes, idéias, pensamentos, textos, impulsos, fantasias, ações etc.) podem ser utilizadas por elas, não havendo portanto atividade que não possa ser “mal-utilizada” para cumprir seus fins. Podem, inclusive, consistir em aquisições complexas mais recentes, como a racionalização ou intelectualização, com propósitos defensivos.¹⁶

Embora alguns aspectos das resistências possam ser conscientes, uma parte fundamental é operada inconscientemente.¹⁷

Cabe aqui lembrar que as *resistências* mais sutis e portanto imperceptíveis, são mais difíceis de serem reconhecidas que as ruidosas, daí serem diferenciadas em *resistências egodistônicas*, onde o sujeito sente as resistências como remotas, inadequadas e estranhas, sendo, portanto fáceis de ser identificadas e manejadas, e em *resistências egossintônicas* percebidas como familiares, intencionais e racionais, o que as tornam difíceis de serem identificadas. Essas últimas geralmente estão bem enraizadas e tornam-se padrões de comportamento habituais, sendo, as vezes traços de caráter de valor social¹⁸. Lembro ainda que se porventura se alimenta o desejo de vencer as resistências visando um maior esclarecimento, seria necessário o árduo trabalho de analisá-las com a indispensável colaboração do nem sempre interessado, descobrindo suas causas, objetivos, modos e histórias. Ou seja, algo muitas vezes da dimensão da utopia.¹⁹

Então, nesse primeiro momento de minhas reflexões saliento dois tipos possíveis de movimento para fazermos frente à uma experiência que nos é particularmente difícil de aceitar. O rechaço ou a pseudo-aceitação. É sabido como os estadunidenses são mestres nessa arte da incorporação adaptada aos moldes do *american way*, transformando cultura mundial num parque temático, onde lucro e lazer, pelo menos lá, são as tônicas; e, e isso é grave, com a pretensão de uniformizá-la. Evidentemente, sem generalizar de modo abusivo, fica aqui a questão de como a psicanálise vai ser absorvida por essa cultura do entretenimento? O consultório do Dr. Freud conquista um espaço de visitaçã e, o que é mais importante na lógica capitalista, um espaço de mercado. Ou seja, Freud movimentou a economia.

Se meu comunicado visa registrar a assimilação do texto freudiano no contexto contemporâneo, não podemos ignorar que do mesmo modo que as idéias de Freud impregnaram nosso meio cultural, de modo não similar, mas tão contundente ou mais, certamente mais, o *american way* fluiu por todos os lados do globo com seu processo “civilizador”, que responde hoje pela alcunha de *globalização*. Os dois autores que farei menção, apesar de críticos conhecidos da cultura norte-americana, citam maciçamente em suas pesquisas bibliográficas títulos de língua inglesa, sendo a maioria norte-americana.

2. Teologia, Literatura e Psicanálise – feminino e masculino, encontro das diferenças, uma nova consciência

Convidado quando do lançamento do livro *Feminino e masculino. Uma nova consciência para o encontro das diferenças*, de autoria de Rose Marie Muraro e Leonardo Boff, fiquei bastante impressionado como naquela noite de autógrafos²⁰ precedida pelas palestras dos autores sobre o tema, os questionamentos giraram em torno de Freud e da psicanálise. A despeito destes não serem afins às teorias levantadas pela psicanálise, muito pelo contrário, apareciam arraigados à cultura freudiana, não se dando conta, evidentemente, disso.

A começar pela capa, que retrata “O beijo” de Gustav Klimt, pintor “coincidentemente” austríaco contemporâneo de Freud e importante personagem da famosa *Viene fin du siècle*²¹ e a encerrar pela contracapa com o escritor também austríaco

Rainer Maria Rilke²², um dos poetas de língua alemã eleitos pelos psicanalistas, o livro não deixa de girar em torno de Freud e da psicanálise. Principalmente sua segunda parte.

Assumindo francamente minha identidade de psicanalista devo – *desejo* – partir para formular minha proposta teórica sobre o tema da assimilação do texto freudiano, da idéia nada original de investigar a presença nos textos que comento de elementos oriundos de desejos e conflitos encobertos, que dão um *sentido*, nem sempre *sentido* para quem faz o enunciado, independentemente de fazer *sentido* para quem o recebe, ou mesmo de possuir um *sentido* válido mais geral.

Do monumental impacto que a obra de Freud causou na cultura do século XX, podemos situar no epicentro suas *noções sobre a sexualidade*, noções que a despeito de serem tão contestadas, permanecem compondo a herança mais vital para nós. Decorridos um pouco mais de um século, podemos dizer assim, esse sísmico e extraordinário legado permanece, ao lado das forças da agressividade, o leitmotiv de nossas preocupações, tanto no plano privado como público.

Partindo da máxima freudiana que “por trás de todo sonho existe um desejo”, afirmamos que por trás de todo texto existe um desejo. Então, que desejos encobertos motivam um teólogo e uma escritora feminista a escreverem sobre um tema que forçosamente remete à sexualidade? Devo – não sei se desejo – evitar fazer qualquer tipo de alusão ou interpretação psicanalíticas sobre os possíveis conteúdos psicológicos dos autores que por acaso derramem sobre seus textos, pois além de não ser ético, é passível de gerar não pequenos equívocos. Um teólogo²³ que com imensa coragem rompe com alguns cânones da Santa Madre Igreja, entre eles o polêmico celibato, e uma ativista feminista que ressentida volta seguidamente a enaltecer no próprio texto em questão: “até então as feministas eram vistas como lésbicas, prostitutas, chamadas de feias, mal-amadas, solteironas, etc..., embora muitas tivessem maridos e filhos.”²⁴ E isto continua acontecendo hoje com aquelas que ousam pertencer aos movimentos organizados de mulheres²⁵; já bastariam para fornecer sinais do forte vínculo que une os autores ao tema e alimentar o desejo de escreverem sobre sexualidade. Limito-me a ilustrar como os autores apesar de distantes manifestamente de Freud, se apresentam na latência de modo tão próximo dele.

Sabemos que sob a influência do que chamamos *recalcamento* ficamos impedidos de tomar consciência de nós mesmos e do lugar que ocupamos. Desejos recalcados e não governáveis que se tornam inacessíveis ao pensar e que só aparecem sob o disfarce dos sonhos, sintomas e outros atos e expressões como, por exemplo, uma *produção intelectual*. Retorno então a mesma questão: que desejos tão poderosos devem permanecer alheios à nossa vida consciente? A resposta só pode ser dada, evidentemente, de modo bastante distante – o que é quase uma não resposta – e encontra-se nas forças da sexualidade e da agressividade humana que foram e continuam sendo o objeto de estudo da psicanálise.

3. O teólogo num diálogo interno com Freud

O título do livro em questão *Feminino e Masculino*, sem nenhuma novidade, remete como muitos outros no gênero ao tema da sexualidade em nada estranho à psicanálise, mas seu subtítulo “*uma nova consciência para o encontro das diferenças*” enaltece curiosamente a *lógica da diferença*²⁶ – *lógica do outro* trazida pela ciência de

Freud e desenvolvida ao máximo por Lacan em sua *lógica do significante* e que dá lugar a esse outro – só que o faz de modo *invertido*, afinal é através do encontro da diferença que se pode alcançar uma nova consciência (que como disse não é nova, mas se renova) e não ao contrário como é sugerido, como se essa consciência pudesse brotar do nada ou de um esforço. Cito a contracapa: “Mas, se não fizermos um esforço para nos abirmos para uma nova consciência, seremos atropelados pela História”. Esse é, no meu pensar, um forte indício da influência da arquitetura freudiana no contexto e que será um fio condutor para a consecução dos objetivos dos autores, aliás muito nobres, pois visam colaborar para reverter a ameaça à vida que vem sendo orquestrada pela destrutividade do ser humano, questão que sabidamente inquietou gênios como Freud, Stefan Zweig e Albert Einstein entre outros, cuja a farta correspondência trocada e trabalhos sobre o assunto ficaram famosos. Depois da primeira guerra mundial até sua morte, Freud se dedicou cada vez mais ao fenômeno da agressividade e acabou por elaborar que a pulsão de morte é tão significativa quanto a pulsão de vida em nossa psique. Apontou que o conflito fundamental e derradeiro de nossa vida se dá entre Eros e Tanatos, fato fartamente discutido no livro sem no entanto fazer qualquer referência aos estudos de Freud sobre o assunto.

Na introdução, assinada pelos dois autores, fica bem claro o que de modo manifesto buscam. O texto é um apelo em defesa da vida ameaçada gravemente pela cultura competitiva (atribuída ao masculino) que deve urgentemente ceder lugar à uma cultura da solidariedade (atribuída ao feminino). Alertam o que já é de conhecimento dos mais lúcidos que se essa tendência de violência e destruição não mudar seu curso, após 2050 a humanidade ingressa num ponto de não retorno e poderá assistir seu fim. Vêm na espiritualidade o que pode atender nossa vã tentativa de elucidar o mistério das origens e colocar a vida no centro de nossas preocupações para que seja parida uma outra espécie humana: “Em todas essas etapas emerge simultaneamente a espiritualidade, a capacidade de o ser humano entender-se no conjunto dos seres e decifrar²⁷ o elo que o liga e religa ao universo e à fonte originária de todo ser”.²⁸

Tenho dito reiteradas vezes que diante de quadro tão preocupante de ataque ao planeta não importa de que modo se pretende lutar pela vida. Nessa empreitada todos os esforços são bem vindos, independentemente da formação humana de cada um. Na voz do poeta: “vamos precisar de todo mundo, um mais um é sempre mais que dois. (...)”²⁹

Ora, essa luta entre as forças destrutivas e as do bem, seguindo a boa tradição filosófica, foi fartamente mencionada por Freud, que de modo compreensível guardava mais reservas quanto ao desfecho que o Teólogo Boff³⁰ que sublima a violência humana (p. 31), mas que no entanto, demonstrava a mesma apaixonada preocupação quanto ao valor essencial da vida. Irá dizer ao pastor Oscar Pfister³¹: “nós sabemos que, por caminhos diferentes, lutamos pelas mesmas coisas para os pobres homenzinhos” (Freud, carta 81)³² Suas considerações humanitárias em seu texto de 1929 são de um rara beleza:

Em tudo o que se segue, adoto, portanto, o ponto de vista de que a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição instintiva original e auto-subsistente, e retorno à minha opinião, ver de que ela é o maior impedimento à civilização. Em determinado ponto do decorrer dessa investigação ver, fui conduzido à idéia de que a civilização constituía um processo especial que a humanidade experimenta, e ainda me acho sob a influência dela. Posso agora acrescentar que a civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a

unidade da humanidade. Porque isso tem de acontecer, não sabemos; o trabalho de Eros é precisamente este. Essas reuniões de homens devem estar libidinalmente ligadas umas às outras. A necessidade, as vantagens do trabalho em comum, por si sós, não as manterão unidas. Mas o natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um, se opõe a esse programa da civilização. Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida, e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida.³³ E é essa batalha de gigantes que nossas babás tentam apaziguar com sua cantiga de ninar sobre o Céu.³⁴

E mais adiante no final do mesmo trabalho:

A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição. Talvez, precisamente com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. Agora só nos resta esperar que o outro dos dois 'Poderes Celestes', o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?.³⁵

Vemos já no título do primeiro capítulo e que se repete no terceiro a presença do conceito de **gênero** que usado de modo a distinguir o sexo (no sentido anatômico) da identidade sexual (no sentido social ou psíquico), foi usado pela primeira vez em 1964 pelo psicanalista americano Robert Stoller³⁶ que ficou conhecido na historiografia pelos seus estudos sobre a sexualidade com a publicação em 1968 de seu livro "Sex and Gender". Stoller se reportou ao freudismo para falar da necessidade de desenvolver tal categoria. Ou seja, o gênero como entidade moral, política e cultural nasce da psicanálise e só muito depois torna-se corrente entre as feministas norte-americanas, no entanto, nenhuma nota sobre isso no livro em questão, muito pelo contrário, o autor faz uma alusão equivocada da origem do conceito³⁷. É interessante registrar que os trabalhos mais interessantes no campo dos estudos sobre o gênero não foram produzidos pelos adeptos do sexismo e do diferencialismo³⁸ (caso de Rose Marie) mas por historiadores e filósofos moderados, que estudaram a noção de gênero na obra de Freud.³⁹

Nos diz Boff (ou Freud?) se mostrando mais confortável que o último para falar sobre o feminino: "(...) sinto-me à vontade de falar sobre o feminino, pois esse não é monopólio das mulheres".⁴⁰ Em *Análise terminável e interminável*, Freud anuncia que a feminilidade "não caracteriza o masculino nem tampouco o feminino", não sendo pois monopólio das mulheres.⁴¹

Pode-se notar com muita clareza que Boff assimila sem dificuldades e de modo impressionante o discurso da ciência, algo impensável num teólogo há alguns poucos anos. Atribuindo ao campo do "fantasioso" o gênesis do velho testamento com sua história da criação, assume com coragem o dito *segundo golpe* contra o narcisismo dos humanos que teria sido desferido por Charles Darwin e que alude à nossa origem símia.⁴²

Mas se o discurso científico é manifestamente assumido pelo Teólogo com bastante entusiasmo o mesmo não acontece com o discurso da psicanálise, que só mostra sua presença na pena do autor no latente. A realidade psicanalítica só aparece abertamente no texto quando se trata de desaboná-la, o que é mais uma vez compreensível, afinal não é mais possível, depois das descobertas psicanalíticas, dar um “sentido venéreo” natural à aproximação sexual humana como pretendem. Parece não ser fácil para nenhum dos dois autores admitir a falta de limites determinados onde encerrar a vida sexual normal e que a função sexual humana se caracteriza por uma desordem eminente⁴³. A despeito da vontade dos pios e moralistas, não há nada *naturalmente* adaptável⁴⁴.

Uma outra ponta de compreensão para a evitação manifesta do discurso psicanalítico do texto em questão passa pela própria *realidade sexual do inconsciente*. Irá nos dizer Lacan: “vamos ao fato. A realidade do inconsciente é (...) a realidade sexual. Em cada oportunidade Freud articulou isto, se assim posso dizer, com firmeza”⁴⁵. Sexualidade está irremediavelmente vinculada ao inconsciente, patrimônio maior da humanidade que uma sexologia denunciada por Freud (que Boff chama de visão sexocêntrica) não consegue enxergar.

Das “suas” duas principais construções que elabora na parte que lhe coube, ou seja, de que o “princípio feminino é primordial e originário”⁴⁶ (p. 32) e que “em cada ser humano, homem e mulher, existe ‘um segundo sexo’” (p. 38) são construções freudianas. Discorre horas à fio sobre a teoria da bissexualidade⁴⁷ de Freud (37-46) e também sobre suas considerações sobre a feminilidade só não lhe confere o mérito. Buscando asseguramento na ciência e não na teologia para afirmar o primado feminino (p. 33) nos diz Boff que “o caminho feminino é básico e primordial, na origem somos todos biologicamente⁴⁸ femininos” (p. 39).

Podemos observar agora como o Teólogo rompendo com a concepção do Vaticano sobre sexualidade adota a leitura psicanalítica desta como fim de gozo, e, depois de só molhar os pés, mergulha de cabeça no conceito freudiano de pulsão: “(...) o instinto se transforma em liberdade, a sexualidade desabrocha no amor”. (40). Ou seja, reconhece algo que se diferencia do instinto (*instinkt*) e se transforma em pulsão (*trieb*), entendida aqui como *liberdade*, e que busca um objeto onde possa atingir sua finalidade, entendido aqui como *amor*. Nos diz Freud: “Assim, a palavra ‘amar’ desloca-se cada vez mais para a esfera da pura relação de prazer entre o ego e o objeto, e finalmente se fixa a objetos sexuais no sentido mais estrito”.⁴⁹ E continua Boff: “(...) a sexualidade humana não está sujeita ao ritmo biológico da reprodução. O ser humano se encontra sempre disponível para a relação sexual, porque esta não se ordena apenas à reprodução da espécie, mas também à satisfação de uma pulsão⁵⁰. (41)

Faz Boff (ou Freud?) considerações sobre libido narcísica e libido objetal, articulando o conceito de outro tão caro à psicanálise: “O amor reorienta a lógica natural da sexualidade como instinto de reprodução; por esta procura-se o prazer individual centrando-se em si próprio. O amor faz com que a sexualidade de descentre de si para se concentrar no outro” (41).

Mais adiante Boff reescreve *Pulsões e seus destinos*: “O que se opõe a esse amor não é o ódio – já que este vive da mesma pulsão que o amor, apenas com sinal invertido – , mas a indiferença (41). Então vejamos o texto de Freud:

“A mudança do conteúdo de um instinto em seu oposto só é observada num exemplo isolado – a transformação do amor em ódio (...). O amor não admite apenas um, mas

três opostos. Além da antítese ‘amar-odiar’, existe a outra de ‘amar-ser amado’; além destas, o amar e o odiar considerados em conjunto são o oposto da condição de desinteresse ou indiferença”.⁵¹

Constrói Boff inspirado em Freud “suas” idéias sobre a diferença sexual: “Para onde quer que orientemos a **análise**, vemos a diferença dentro da unidade”⁵². Os estudos transculturais de fenomenologia sexual, de antropologia cultural, de psicologia diferencial e outros⁵³ levantam um sem-número de dados a esse respeito” (45). Na expressão “e outros” temos o lugar distante reservado à psicanálise apesar de seu capítulo *A diferença dentro da unidade: macho e fêmea*, expressar a concepção freudiana da libido única, onde a elucidação do tema da diferença sexual decorre do monismo sexual de Freud que nos permite, na mesma *unidade*, definir a sexualidade masculina e a sexualidade feminina. Conclui Boff (ou Freud?): “O ser humano comparece concretamente na diferença homem/mulher. A humanidade não é simples, é complexa e biforme”(45). E, acrescentaria Freud, que poliforme dentro dessa biformidade.

Essa referência à essa diferença sexual que é subsumida à uma mônada, à uma unidade (Realidade última, Deus, Jesus, etc.), irá aparecer em vários momentos de seu texto.⁵⁴

Mal orientado pela escritora Rose Marie, a quem atribui os conhecimentos psicanalíticos que foram importantes para a concepção do livro, limita às mulheres o conceito de *corpo erógeno* da psicanálise que foi magistralmente inaugurado por Freud em os *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*⁵⁵ e ainda busca um reforço algo torcido em Foucault, que certamente não gostaria, como homem, de se ver excluído de sua própria leitura sobre a sexualidade. Talvez não tenha sido por acaso que Leonardo Boff escreva errado seu nome. Cita o Teólogo: “Enquanto este (no caso o homem) possui uma sexualidade regionalizada, a mulher é um corpo integralmente saturado de sexualidade (M. Foucauld)” (49).⁵⁶ No entanto Boff (ou Freud?) mais adiante corrige essa visão sectária do feminismo (cara metade do machismo) e devolve ao homem, portanto ao ser humano, o corpo erógeno cassado por sua *partner* que deseja vê-lo como atributo exclusivo da mulher: “O ser humano não tem sexo, é um ser sexuado da cabeça à ponta dos pés. Sendo sexuado, sente-se para além de si, dimensionado para o outro⁵⁷ até nas determinações corporais” (62)

Do mesmo modo que Boff entra em contato com Freud através de Foucault para fazer alusão ao corpo erógeno da psicanálise faz o mesmo com Lévi-Strauss para fazer alusão ao tabu do incesto. Mantém adormecido o monumental *Totem e Tabu*, texto paradigmático, preferindo se referir à *As Estruturas Elementares do Parentesco*, que vem secundar o primeiro. Cita Boff (ou Freud?): “A proibição do incesto consiste, positivamente, em estabelecer, entre os homens, um vínculo sem o qual não poderia elevar-se acima da organização biológica para atingir a organização social” (52). Ora, é sabido que *Totem e Tabu* é expressão modelar de abordagem dessa passagem da natureza à cultura e de explicação da gênese das sociedades humanas. Cito oportunamente o próprio Claude Lévi-Strauss que oferece na conclusão de seu trabalho sobre os princípios do parentesco, obra citada com fé por Boff, essa direção à Freud:

Mas o progresso da etnologia contemporânea seria insignificante se tivéssemos de nos contentar com um ato de fé (...). A este respeito a obra de Freud oferece um exemplo e uma lição (...). Freud sugeriu às vezes que alguns fenômenos básicos encontravam explicação na estrutura permanente do espírito humano, mais do que em sua história (...). Estas audácias relativamente à tese de Totem e Tabu e as hesitações que as acompanham são reveladoras.⁵⁸

Indagaria Lacan, que se aprofundou na obra do etnólogo francês: “Não é patente que um Lévi-Strauss, ao sugerir a implicação das estruturas da linguagem e da parte das leis sociais que rege a aliança e o parentesco, já vai conquistando o terreno mesmo em que Freud assenta o inconsciente?”⁵⁹

Mais adiante no seu trabalho Boff afirma que a nova consciência de que trata o livro foi instaurada há mais de um século pelo feminismo.(57). Tal afirmação nos convoca a fazer dois comentários. Em primeiro lugar é de conhecimento de todos que o feminismo, – não como movimento político social – pensado como categoria psicológica, será desenvolvido a partir da psicanálise⁶⁰, ora como uma reação à esta, ora como um dos seus inúmeros desdobramentos. Não serão poucas as ditas *psicanalistas feministas*. Podemos a partir disso, concluir que, a rigor, para Boff a nova consciência, que evidentemente não tem consciência, foi introduzida na verdade pela psicanálise. E essa, é uma de nossas teses no presente trabalho. O maior testemunho desse fato é que Boff irá estabelecer que isso se deu em torno de cem anos que é, exatamente, o tempo de existência da ciência de Freud. Ciência que ao implicar o *encontro das diferenças*⁶¹ inaugura uma nova consciência, que é aquela que admite a existência do inconsciente e também sua soberania⁶².

Temos portanto em segundo lugar uma contradição por parte do autor, entre o registro de uma nova consciência (que na verdade não é nova, mas que se renova) instaurada há mais de cem anos pelo “feminismo” (entende-se pela psicanálise) e a nova consciência enaltecida na contra capa do livro que ainda estaria por ser inaugurada. Outro exemplo que ilustra essa mistura feminismo/psicanálise no inconsciente do autor e que demonstra a assimilação em seu texto do contexto freudiano, está no exemplo que Boff oferece como “o mais belo de uma feminilidade bem integrada” (60). Cita curiosamente a figura singular de Lou Andreas-Salomé, a bela psicanalista alemã que muito longe de ser feminista⁶³ foi visceralmente ligada à Freud e à psicanálise, que tornou-se familiar da casa dos Freud e particularmente apegada a Anna Freud, e, que abraçou como ninguém a causa do freudismo. Diria Freud, poderia ter sido Boff, a seu respeito: “Pela primeira vez fiquei impressionado com o que existe de refinadamente feminino⁶⁴ no seu trabalho intelectual”⁶⁵.

O silêncio manifesto com relação à psicanálise no texto de Boff contrasta com sua assimilação latente. Invocando distintos saberes para abordar a sexualidade deixa de fora a psicanálise justamente na sua maior especialidade, no entanto, no mesmo momento, se expressa mais com o estilo psicanalítico do que teológico: “existe um não dito no dito e um silenciado no falado(...). Nunca somos a realidade que conhecemos. Acedemos a ela por representações e projeções...”⁶⁶

Assimila manifestamente e sem dificuldades o discurso da filosofia do mesmo modo que o da ciência, ficando como sempre no latente o discurso da psicanálise que o impregnou, como por exemplo o conceito psicanalítico de *bissexualidade* invocado o tempo todo no livro; o conceito de *outro* inserido na lógica da diferença introduzida pela psicanálise; o de *auto-erotismo* que aparece pela primeira vez como “auto-sexualidade”; o de *objeto* no sentido que lhe confere a psicanálise como correlativo da pulsão, do amor e do ódio e não no sentido tradicional da filosofia e da psicologia. Contudo é sobre o conceito de *desejo* que discorre em seu texto que o mesmo parece ficar mais carregado da tinteira freudiana, e, o que penso surpreendente e empolgante, irá colocar Freud progressivamente como figura antitética para pensar o sagrado e a existência de Deus.

Então vejamos: o capítulo quatro de seu trabalho “da diferença sexual à reciprocidade pessoal” discorre, na verdade, sobre a alteridade introduzida pela psicanálise que definiu o outro como o lugar onde se constitui o sujeito, prefere, inclusive, o uso da palavra *outro* do que a palavra *próximo* na sua forma substantiva tão comum ao cristianismo, do homem considerado em relação a outro homem, do “amai ao próximo como a ti mesmo”. Ou ainda a palavra *irmão*, que é o nome que se dão entre si os religiosos.

Ora, é sabido que a expressão *outro* tornou-se comum na linguagem psicanalítica desde que o termo foi concebido e utilizado por Lacan para designar um lugar simbólico que determina o sujeito. Nos diz Boff (ou o freudiano Lacan?): “é mediante a reciprocidade que um se descobre por meio do outro (...). sente-se dimensionado para o outro (...). Equivale a dizer pessoa (...) aberta ao outro”. E num estilo lacaniano: “um representa uma ‘pro-posta’ ao outro que sente a necessidade de dar uma ‘res-posta’”(62) bv

Como já vimos, o conceito freudiano de *bissexualidade*, apesar de não ser curiosamente citado por nenhum dos dois autores, é que oferece a base para um dos principais argumentos defendido com paixão no livro, e, ainda, como que inusitado fosse. Qual seja: que todo ser humano possui disposições sexuais simultaneamente masculinas e femininas. Boff ancora-se no discurso correto da ciência, mas que não pode oferecer o que o Teólogo busca. É somente o conceito psicanalítico da bissexualidade, como Freud observou, que oferece uma apreensão clara do par masculinidade-feminilidade inserido numa significação ampla e variada de acordo com os níveis biológico, psicológico ou sociológico envolvidos, e, que tanto deleita os dois autores. Inclusive o conceito de *gênero* como representação social e psíquica da diferença sexual, profícuo no discurso feminista, e, fundado, como já registramos⁶⁷, pela psicanálise, será, sem nenhuma dúvida, fecundado por essa já universal visão freudiana da sexualidade. Nos Dirá Boff (ou Freud?): “não há pois um sexo absoluto, mas apenas dominante. Em cada ser humano, homem e mulher, existe ‘um segundo sexo’” (38). E Freud: “existem nos indivíduos dos dois sexos moções pulsionais tanto masculinas como femininas que, umas e outras, se podem tornar inconscientes (...)”⁶⁸. Portanto qualquer semelhança não é mera coincidência.

Temos então as considerações do grande Teólogo sobre a estrutura do desejo, e, refazendo o caminho feito por Freud deixa transparecer no seu texto a influência que assimilou fortemente deste. O trecho seguinte em especial lembra perfeitamente um texto de psicanálise. Partindo do homem trágico e inacabado do freudismo nos diz:

a experiência que vive é que nada do que encontra no seu vagar pela realidade o preenche e satisfaz. Ele é um ser desejante. A estrutura do desejo é a ilimitação e a negação de todo o interdito. O ser humano como ser desejante não encontra no mundo nenhum objeto que lhe satisfaça totalmente o desejo. (...) Apesar da nossa estrutura desejante (74).

Mais adiante usa uma expressão cunhada por uma psicanalista da tradição vienese da psicanálise, Margaret Schönberger Mahler (1897-1985). Uma freudiana, ou ainda mais especificamente, uma annafreudiana, criadora do Masters Children Center, centro de acolhimento e pesquisas sobre o desenvolvimento dos processos de individuação e de separação, tendo criado a noção de separação-individuação como processo intrapsíquico. Cria a idéia de um nascimento psicológico do indivíduo, aludida por Boff. Seu livro *O*

Nascimento Psicológico da Criança tornou-se um clássico da literatura psicanalítica.⁶⁹ Nos diz Boff sob a influência dessas idéias psicanalíticas: “todo ser humano nasce inteiro mas não está pronto(...). Ele precisa acabar de nascer”.(74). (...) Pertence ao processo de individuação a integração dinâmica e sempre difícil do masculino e do feminino”(77).

Outro sinal do vínculo inconsciente de Boff com Freud está na escolha do filósofo francês Paul Ricoeur para falar dessa dimensão inconsciente da sexualidade que Freud legou ao mundo e perturbou seu sono. Cita Boff: “com acerto reconhecia-o o filósofo Paul Ricoeur: ‘a sexualidade, em seu fundo, permanece talvez impermeável à reflexão e inacessível ao domínio humano (...)’”. (78). Ricoeur, filósofo da psicanálise, na verdade constrói sua concepção de um ser moral separando da filosofia e da psicanálise o que deve ser a boa atitude (*Da Interpretação, ensaio sobre Freud, 1965*). Talvez seja, de algum modo, o caminho de Leonardo Boff, separar do freudismo o que deve ser a boa atitude para a sua concepção teológica do ser humano.

Segue Boff (ou Freud?) então (79):

A realização de cada pessoa e mesmo a nossa própria saúde integral dependem muitíssimo da forma como trabalhamos interiormente tais realidades e como o consciente reage em face dos conteúdos do inconsciente, seja acolhendo-os, depurando-os e integrando-os, seja confrontando-os, hostilizando-os e recalcando-os.

Ao término do capítulo onde situa a sexualidade como estrutura ontológica do ser humano volta a admitir a incompletude que caracteriza o homem trágico e desamparado pensado pela psicanálise. O homem não imperfeito mas inacabado mencionado por Boff (74) é, portanto, o homem freudiano e o mistério insolvente que segundo Boff o caracteriza, o modo como o Teólogo personifica o inconsciente. “Sentencia” *lato sensu*: “Neste sentido, o ser humano é um ser trágico e, ontologicamente, infeliz. Não há psicanálise que o possa curar (82)”.⁷⁰

E assumindo integralmente sua identidade de teólogo nos fala da resposta oferecida pela teologia ao desamparo humano: “Ela balbucia uma resposta reverente à angústia do ser inacabado. Ele sente-se acabado (...), somente quando se encontra com quem o pode, efetivamente, plenificar. E essa não é a Realidade suprema?⁷¹ Coloca então Freud no centro da cena como figura antitética à Deus⁷², lugar que certamente não teria gostado de ocupar, pois é sabido como Freud sempre evitou construir uma *Weltanschauung* (visão de mundo). “Isso [a Realidade Suprema, Realidade última, Realidade Transcendente, Quadro Derradeiro, Utopia Terminal, Plano último de Deus, Deus]⁷³ não é uma ilusão, como pensava Freud, uma ilusão no sentido psicanalítico que tem sempre futuro, porque sempre vem posta e nunca é plenamente respondida. Os testemunhos mais ancestrais da humanidade (...), afirmam a possibilidade deste encontro. Conferem-lhe mil nomes, cujos sentidos se escondem sob o signo Deus. Por isso, santo Agostinho tem mais razão que Freud⁷⁴ ao afirmar: ‘Irrequieto estará o meu coração enquanto não repousar em Ti, Senhor’” (83).

No último capítulo de seu trabalho “O homem, a mulher e Deus” Boff associa de modo inusitado a vivência do sagrado ao estatuto do desejo, coloca, ao bom estilo freudiano, Deus como objeto do desejo: “Deus só tem sentido se irrompe da própria estrutura desejanste do ser humano” (86). Nesse sentido podemos conceber que Deus, que a Realidade Suprema é o desejo humano, e, à modelo de uma filosofia ateísta, não teria sido Deus que criou o homem mas o homem que criou Deus movido pelo seu desejo.

Desejo sobretudo da imortalidade que constrói face ao seu insolvente desamparo e ao drama da sua finitude. Nada mais próximo do que a leitura da psicanálise.

Boff sob a poderosa influência da psicanálise também permite antever Deus como expressão da própria *libido*, que por sua vez não deixa de ser sinônimo de *desejo*. Faz dessa *energia própria da pulsão sexual*, a exemplo de muitos estudiosos teístas e teólogos, uma leitura de Deus como *energia*. Do mesmo modo que Freud toma o termo *libido* para designar a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica e a estende como expressão da própria sexualidade (vida) humana, Boff toma *Deus-libido-desejo* para designar essa energia que emerge em nossa alma: “Deus emerge como um jogo de energias originárias e eternas” (107).

Isso é muito ilustrativo pois vejo o Deus de Leonardo Boff teorizado do mesmo modo que a libido única de Freud (seu monismo sexual), que tanto incomoda algumas feministas e que se tornou uma das concepções freudianas mais combatidas pelas mesmas. Do mesmo modo que a diferença sexual decorre para Freud dessa concepção *una* da libido, para Boff homens e mulheres provêm desse Deus uno, “andrógino”. Nos diz Boff (ou Freud?) quando aborda a diferença e reciprocidade entre homem e mulher: “Dentro da igualdade se instaura a diferença” (105). E de modo impressionantemente semelhante como fosse o pai da psicanálise escrevendo: “Esta idéia da unidade plural e polar de cada ser humano, masculino/feminino, expressa a memória ancestral da sexualidade que no seu processo, como vimos, apresenta o diformismo como derivação de um profundo monismo sexual originário” (80).⁷⁵

Podemos deduzir daí porque se torna infrutífero o esforço do Teólogo para subtrair a masculinidade de Deus, pois penso que seu inconsciente continua acreditando nessa masculinidade apesar das influências feministas de sua parceira. Chega mesmo a esboçar inconscientemente o mesmo androcentrismo, o mesmo falocentrismo que denuncia no discurso oficial da igreja. No único momento sombrio do seu iluminado texto esse androcentrismo inconsciente é atribuído a Freud e Lacan, pois quando aborda as *contradições* da cristandade entre a *igualdade* e a *subordinação* parece deixar escapar sua própria contradição cristã inconsciente.⁷⁶

Partindo da ciência medieval em que a mulher é “um desvio e uma aberração do sexo único masculino” cita Tomás de Aquino, que por sua vez repete o androcentrismo aristotélico, que considerava a mulher “como um *mas occasionatus* (homem deficiente), mero RECEPTÁCULO passivo da força generativa única do varão. (...) Essas discriminações, embora sobre outras bases, agora psicológicas, ressoam modernamente, para perplexidade geral⁷⁷, nos textos de Freud e Lacan”. Um pouco mais adiante se deixa trair no próprio texto, usando inclusive a mesma terminologia, e transparecer a origem das discriminações aludidas. Ousando perguntar e assumindo a ousadia, o que significa o masculino e feminino para o próprio Deus, responde androcentricamente por Ele: “Deus-comunhão cria o diferente dele para poder se auto-comunicar e se entregar totalmente. Esse é o sentido divino da criação e, no caso de que tratamos aqui, do ser enquanto masculino e feminino: criar um RECEPTÁCULO que pudesse acolher Deus quando esse Deus decidisse sair totalmente de si e entrar no ser humano, homem e mulher” (110).⁷⁸

Ou seja, o Deus Fálco proscrito no livro reaparece com todo o seu fulgor, munido da *força generativa única do varão (Ele) que cria um receptáculo (uma humanidade deficiente, mas occasionatus, mulher, vagina) quando esse decidisse*⁷⁹ (sem levar em conta o desejo dessa humanidade) entrar com seu Falo nele(a) ser humano, humanidade.

“O cálice [receptáculo] preparado para receber o vinho precioso [sêmen] fica repleto Deste [Deusêmen]” (110).⁸⁰

Ao contrário de Boff, não vejo aqui motivo algum para uma perplexidade geral, pois não são essas as concepções elevadas desse Grande Teólogo, como também não são esses os seus sentimentos. Afinal não somos responsáveis, ou seja não respondemos, por nossa atividade inconsciente. Do mesmo modo, não se pode, projetivamente, atribuir o androcentrismo medieval e muito menos as idéias machistas de Tomás de Aquino à esse grande humanista que foi Sigmund Freud, nem à pessoa polemica de Lacan, que além do mérito de ter desenvolvido os conhecimentos psicanalíticos sobre a feminilidade, protagonizou um amor e uma fidelidade sem precedentes à Freud e à sua obra.

Quando com sua tão marcada sensibilidade Boff fala das qualidades de Jesus “que é judeu⁸¹ e não cristão, mas rompeu com o antifeminismo da sua tradição religiosa”, podemos atribuir à Freud – que é judeu e não cristão, mas rompeu também com o antifeminismo da sua tradição científica – os mesmos predicados elencados: aquele que possuía o *esprit de finesse*, que irá viver cercado de discípulos homens e mulheres e que essas mulheres o seguem⁸², que procurou levar a cura e o consolo, que com sua sensibilidade feminina, sua mensagem (teoria) e sua prática irá romper com a situação imperante e introduzir um novo tipo de relação (97-9). Assim como Jesus “inaugurou um novo tempo nas relações homem/mulher”, Freud o fará. Mas como alerta o Teólogo e eu endosso “não basta o princípio libertador” que ambos, ao seu modo e ao seu tempo, implantaram – *cristianismo* e *psicanálise*. Será preciso, usando uma terminologia freudiana, vencer as resistências à psicanálise, à memória “perigosa” de Freud, como foi a de Jesus (101).

Cometeu Boff, desse modo, uma injustiça inconsciente, pois não há na história contemporânea expressão humanitária e libertária mas incontestável que a psicanálise, psicanálise que como já vimos acabou por gerar o feminismo que muitas vezes a critica, e, que, de certo modo, pelo impacto do humanismo Freudiano no ocidente, não deixará de influenciar a própria *Teologia da Libertação*. É possível imaginar se num mundo antes da psicanálise Boff poderia falar do lugar onde fala? É evidente que não, posso afirmar isso. Acredito que o mesmo concordaria com essa minha afirmação, pelo menos desejo acreditar que sim, pois nutro pelo Teólogo uma profunda admiração.⁸³

Então vejamos. Nos diz Boff que a Suprema Realidade, o *Reale realissimum* dos medievais se expressa no contexto patriarcal onde “Deus comparece como masculino” (86). Depois de um esforço⁸⁴ além da semântica em que tenta desconstruir a masculinidade de Deus para traduzi-lo em termos simultaneamente masculinos e femininos e propondo uma reconstrução sobre “bases transexistas”, que nada tem a ver com a tradição ancestral do matriarcado e das divindades femininas que alude (87), acaba diante dessas “metáforas limitadas e redutoras” (88) por sucumbir: “melhor faríamos silenciar do que falar” (88). Ou seja Deus é masculino, e não há problema nenhum nisso para se conceber uma religião cristã, como deseja o Teólogo, com a larga participação das mulheres, com a assunção decidida do princípio feminino, eliminando o tradicionalismo, o antifeminismo e o patriarcalismo (87). Não é necessário o feminismo para pensar o Divino a partir do feminino (88), mas apenas o feminino que, como sabemos, não é monopólio das mulheres. O fato de ser mulher não descortina a feminilidade para ela necessariamente, ao passo que ser homem não elimina necessariamente a experiência dessa. O melhor exemplo é o próprio Leonardo Boff. As

feministas não são, pelo fato de lutarem pelas causas da mulher, mais femininas que as não feministas ou vice-versa. Muitas feministas, sem se darem conta, prestaram e prestam um desserviço à causa da feminilidade, colaborando com seu comportamento *machista reativo* para manter o exercício brutal do patriarcalismo, muitas inclusive, alimentam o desejo de assimilar e exercer esse poder patriarcal.⁸⁵

Concordo com Boff que Deus – concebido por mim como outro, ou seja, como lugar simbólico que determina o sujeito, do mesmo modo que a idéia de significante, de lei, de linguagem, de inconsciente, como teorizou Lacan – “não é necessariamente identificado com o masculino” (87), mas DEUS É MASCULINO, determina assim a linguagem. Seu feminino, aprendemos na escola, é DEUSA. Nós não temos o neutro em nossa gramática, ou seja, palavras que não são nem masculinas nem femininas. “Em português não há neutro mas apenas vestígios dele”.⁸⁶ Desenvolvendo vestígios poderia criar Boff um termo neutro para superar o impasse criado pelas teólogas feministas. No entanto, fica claro no texto de Leonardo Boff que ele se esforça por pensar Deus não como nem masculino nem feminino (no sentido da sub-determinação intuicionista ou da realização para-completa da lógica da diferença), mas como feminino e masculino (no sentido da sobre-determinação paradoxal ou da realização para-consistente da lógica da diferença)⁸⁷, ou seja, pensar Deus como uma entidade andrógina.

Pretendo demonstrar adiante que essa teoria de Boff da androginia de Deus é inspirada por uma teoria infantil universal que remonta à fase fálica do desenvolvimento psico-sexual. É por isso que sua leitura, assim como de sua parceira, sobre o masculino e o feminino dão margem à desvios que alimentam a guerra dos sexos que buscam conscientemente dar fim. Ambos ignoram que fálico não é sinônimo de masculino, nem a idéia do feminino fundante pode ser atribuído a uma fase matriarcal da humanidade ou a idéia de Deusas-mães, pois seria anterior a elas. Não há antropomorfismo.

A diferença que Boff faz a respeito da moralidade em “Deus-Pai” e “Deus-mãe” é um bom exemplo desse desvio de percepção do masculino e do feminino, pois os mira de dentro da fase fálica. Sua construção de moralidade que forneça um acesso igualitário e legítimo aos meios de subsistência que permitam o desenvolvimento das potencialidades humanas está equivocada, pois não seriam possíveis esses desejos de aconchego, de acolhimento, de misericórdia e de amor incondicional sem o fundamento da lei, da ordem e da justiça que atribui a Deus-pai. O que teríamos com essa “perspectiva feminista” que Boff introduz seria não a libertação mas o exercício da barbárie, da ferocidade e da crueldade. Ou seja, o exercício do inferno que atribui à religião do pai. Assistiríamos quilos de mães aconchegantes, que deram o perdão irrestrito destroçadas como “prêmio” por terem se permitido e permitido a inclusão incondicional. Todos sabemos das nossas experiências clínicas que por traz da violência e da destrutividade que grassa causada pelo mau uso do poder, está também a lamentável falta de limites, ou seja, da boa lei. Atribuir a reconciliação à mãe e a dissociação ao pai⁸⁸ é um erro gigante que só podemos atribuir a uma origem inconsciente (90). É portanto um enorme equívoco acreditar numa vivência de cuidado e respeito inspirada pelo feminino somente (O Deus-mãe), e isso é reconhecido no livro quando falam na harmonia dos gêneros e no fim da guerra dos sexos, mas que continua ignorada em certo sentido por ambos os autores em seus inconscientes. O livro em questão não deixa de possuir, em menor escala, um estímulo à manutenção dessa guerra⁸⁹, pois acaba por construir uma “teologia feminina” versus uma “teologia masculina” (89). Ora se no plano teológico já há esse confronto, o que se pode

esperar dos demais campos do saber? Certamente não veremos dessa maneira a Teologia da Libertação.

Penso que essa guerra que permanece no inconsciente dos autores resulta de uma teorização enviesada, como o natural androcentrismo inconsciente de Boff que pretendo ir ilustrando. Nos diz por exemplo: “Deus-mãe reconduz todos os seus filhos e filhas, por mais dispersos que estejam, quais ovelhas ao seu redil” (90). Ora, redil é a versão bonita de curral. Não é da natureza das mulheres conduzir ou reconduzir animais ao confinamento. Isso é coisa de homem. Temos aí o castigo atribuído a Deus-Pai, um aprisionamento sob o manto do acolhimento de Deus-mãe. As ovelhas se sentiriam melhor soltas, não?⁹⁰

Penso que a questão teológica levantada pelo Teólogo (90) está fora de foco, daí a falência para desconstruir a masculinidade de Deus e concebê-lo andrógino. É preciso que Boff, Teólogo iluminado, de um passo mais adiante dos que corajosamente já deu, e vencendo seu androcentrismo inconsciente, admita a presença de⁹¹ Deusa ao lado de Deus, essa sim, caçada pela cultura patriarcal milenar. E essa Deusa com D maiúsculo na cultura cristã é indiscutivelmente Maria, como aliás admite Boff apesar da⁹² deusa com d minúsculo (113), mas não por gratuita participação como tenta ajeitar o Teólogo, mas pelo seu indiscutível poder de Deusa. Na minha visão agnóstica⁹³, não atéia, vejo a “Virgem” Maria com o mesmo poder que o de Jesus de Nazaré, com o mesmo poder que Deus Pai. Ela sim é Deus Mãe que Boff procura resgatar. E os povos cristãos já assimilaram essa realidade, como reconhece Boff. No entanto, reconhecem que é Deusa não porque “carrega consigo uma divinização implícita do masculino⁹⁴ presente nela” (112), uma espécie de “Deus por participação”, mas por ter os atributos próprios de Deusa. Transformar Maria em “Deus por participação”, apesar de ser um avanço, parece-me ainda um ideário hierárquico de inspiração no paradigma patriarcal atribuído por Boff à consciência oficial das igrejas cristãs (113). Conceber Deusa Maria como Deus por participação lembra em muito o mito da costela de Adão rejeitado por Boff (39). Eva foi tirada de uma parte de Adão, era Adão por participação. Não me parece por acaso a escolha de Boff da palavra participação – você toma parte em e toma parte (pega, tira, apodera-se)⁹⁵ – que etimologicamente se aproxima de partir (dividir em partes) assim como de parte.⁹⁶ A compreensão do povo cristão da divindade de Maria me parece bem diferente desse Deus implícito partilhado que tanto sugere participar como dividir em partes. O sentimento me parece de outra ordem, é o de estarem diante mesmo de Deusa. Então: *vox populi vox Dei!* Por que não admitir isso? Talvez até as feministas apreciassem.

4. A teoria histerofálica de Boff – Deus histerofálico⁹⁷

A pesquisa psicanalítica pode demonstrar que passamos por uma fase de nosso desenvolvimento psicosssexual em que há uma concentração da energia pulsional nos genitais, apesar, de não ser ainda, a genitalização definitiva. Não existe nesse estágio, por parte da criança, a distinção anatômica sexual⁹⁸. Tenho para mim que as considerações de Boff sobre a androginia de Deus giram em torno das concepções indiferenciadas desse estágio fálico, apenas modificando para atender uma demanda feminista⁹⁹, o monopólio do pênis pelo monopólio da vagina que fica no seu texto sublimado como “útero acolhedor”¹⁰⁰. (89). A psicanálise constrói a imagem da mãe fálica enquanto Boff, na sua

concepção de Deus, a de um Pai Uterino, já que um Pai Vaginal não parece uma tarefa fácil de defender¹⁰¹. O acolhimento fica limitado ao útero (89) a despeito da contundente realidade de ser a vagina que de um modo muito mais intenso e freqüente acolhe. Afortunadamente diga-se de passagem. Na experiência adulta, madura, ser acolhido simbolicamente pela vagina possui um sentido progressivo, enquanto pelo útero um sentido regressivo, qual seja o de retorno ao útero materno¹⁰².

Sua teoria construída ou reconstruída em “bases transexistas” (87), penso ser, como já foi dito, uma remanescência da teoria infantil¹⁰³ construída na fase fálica do desenvolvimento psico-sexual, que, fixada, fica subtraída das representações oriundas do desenvolvimento genital pleno. Esse contra-senso só não aparece de modo mais gritante por que Boff substitui, como foi dito também, a mãe fálica teorizada pela psicanálise por um Pai uterino. No entanto essa aparente mudança do teor sexual não modifica o drama dessa paralisação, pois o período fálico é o último bastião do narcisismo, pois ao mesmo tempo que inaugura o período da descoberta da diferença sexual anatómica nega esta diferença. E esta negação é a estrutura nuclear das fantasias que geram os desvios de percepção já mencionados. Boff apesar dos esforços continua mantendo o mesmo impasse da teogonia judaica-cristã. Pensa ter abandonado o indiferenciado Deus fálico que não atinge a genitalidade para voltar novamente aos seus braços, ou ao seu útero, agora concebido como Deus indiferenciado histerofálico, que, evidentemente, padece da mesma limitação do desenvolvimento, qual seja, a negação da diferença.

Como Deus não possui uma companheira a exemplo da cosmogonia hindu¹⁰⁴ e de muitas outras, uma mulher com que pudesse formar um par celestial, não teve outra sorte do que ser concebido como um hermafrodito fálico ou uterino, que diferente do hermafroditismo humano onde se tem normalmente a hipotrofia dos órgãos genitais, teria a plena capacidade de fecundar e conceber¹⁰⁵. Deus na sua conhecida onipotência fálica (oni-impotência genital, toda impotência genital) dá a Adão o que lhe falta. É o faça o que eu digo mas não faça o que eu faço: “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: façamos-lhe uma ajudante semelhante a ele” (Gn. 2, 18).

Esse drama histerofalocêntrico de Deus no texto de Boff ficará atenuado com o relato que faz a cerca Jesus de Nazaré que escapa do celibato que lhe é imposto pelos moralistas, pelo menos pela leitura dos evangelhos apócrifos, para formar um belo par celestial com Maria de Mágdala onde o contato corporal de Jesus é admitido.¹⁰⁶ Mas ao invés do contato carnal de Jesus, até então um tabu intransponível na teologia cristã, autorizar a pensar um contato corpóreo de Deus, interpreta a união sexual de Jesus como um resgate da essência andrógina do começo. Sublima então: “Por que não? Há algo mais sagrado¹⁰⁷ que o amor efetivo entre um homem – o filho do Homem, Jesus – e uma mulher?” (101). Apoiando-me no Teólogo diria: Por que não? Há algo mais sagrado que o amor efetivo de Deus Pai com uma Deusa mulher (Deus-mãe)?

Esse então o “pecado” de origem do segundo testamento que será herdado do primeiro: “No segundo testamento, Deus é pai de um filho único que se encarnou numa virgem” (92). Temos a união de uma mãe de carne e osso com um ser etéreo sugerindo a idéia da união da matéria com o espírito. Portanto do ponto de vista da história que nos cabe nessa vida Jesus teve um pai ausente, talvez daí a idéia de concebe-lo onipresente, no entanto, do ponto de vista das divindades teve como mãe uma simples mortal. Cita Boff: “O homem, na figura de Jesus de Nazaré, foi divinizado, enquanto a mulher é mantida como simples criatura (92).¹⁰⁸ Na mitologia greco-romana os deuses se unem, se

casam (hierofania) e sua prole é de deuses, no entanto quando se unem à uma mortal o conceito é um semideus. No sentido dessa tradição mitológica Jesus não teria sido um deus, mas um semideus, talvez daí ter morrido, sendo sua ressurreição apenas simbólica, afinal não seria imortal.

Diante desse pai ausente, sem mulher, não genital, fixado na fase fálica ou histerofálica, Deusa Maria fica sem um par à altura da Mãe de Deus, pois José¹⁰⁹, marido de Maria, mortal, não é o pai, e não se atribui a ele nada da dimensão do hiéros (que pertence aos deuses ou deles provém), e que “pode significar ‘forte, destemido’ como valores prodigalizados pelos imortais”.¹¹⁰ Ao contrário, o carpinteiro é visto como mais idoso, mas nem tanto, sendo lembrado apenas como um bom homem. Seu prestígio só será aumentado a partir do século XIII quando a devoção ao santo teve início.¹¹¹

Por outro lado Deus Pai que por ser fálico não possui um nome que o diferencie, fica sem uma parceira à altura de sua divindade. Há, inclusive, um momento em que parece que o Teólogo esboça o desejo de compor um par para Deus e envolvê-lo em um “*idílio amoroso*” no sentido de preencher esse vazio na árvore genealógica da família cristã e, com isso, libertá-lo da androginia. É quando registra um par celestial possível no Cântico dos Cânticos, onde a partir do século III a. C. a teologia judaica alude à figura feminina da divina Sofia. Mas esbarra na fusão fálica e indiferenciada da teóloga feminista E.S. Fiorenza e para por aí: “A divina Sofia é o Deus de Israel na figura da deusa” (93).¹¹²

Dada a falta de um par para Deus e também de um par para Maria os filhos cristãos (o povo cristão) acabam por construir uma teoria incestuosa, e colocam Maria como o par de Jesus. As evidências de nossa cultura cristã demonstram isso, pois, para o povo, o par celestial cristão é Jesus e Maria. Os filhos cristãos identificados com Jesus (agora pai) desejam Maria e as filhas identificadas com Maria (a mãe) desejam Jesus (o pai). O noviciado e depois os votos das freiras e *filhas de Maria* retratam simbolicamente ao que aludo, espécie de namoro, noivado e casamento. Pequenas marias que se “casam” com Jesus, que se torna ao mesmo tempo pai e marido.

5. Questões psicanalíticas sobre questões teológicas

Acredito já termos material suficiente para demonstrar o quanto o texto de Freud é assimilado por autores da atualidade, mesmo aqueles não identificados com a psicanálise. Ative-me a comentar o texto de Leonardo Boff por ser menos evidente a letra de Freud em suas linhas, já que o de Rose Marie Muraro, que farei alguns comentários, é Freud do “início ao fim”, assimilado, evidentemente, de modo bastante equivocado.

Ao buscar cumprir a finalidade específica acima mencionada, não resisti, no entanto, ao desejo de comentar pelo viés da psicanálise as teorias fálicas de ambos autores que saltam aos olhos, pois caracterizam um paradoxo, paradoxo que de certo modo inexiste na psicanálise. O que procuro enaltecer é que os autores, ao confundirem falocentrismo com masculino, e feminino fundante com matriarcado e deusas-mães, se agarram no latente a esse falocentrismo que no manifesto repudiam. E isso é crucial, pois suas teorias, ao estarem fixadas no estágio fálico, botam a perder o encontro da diferença que brindam, e, que seria o caminho para a assimilação da nova consciência que pregam para que se instaure o projeto de salvação que o planeta requer. Afinal, não há no fálico

uma consciência da diferença. O único valor é a igualdade, que se nutre do seu característico aspecto narcísico pré-genital.

É dessa significação fálica narcísica que advém os conteúdos sádicos, de destruição, de domínio e controle tão comum ao patriarcalismo e aos relatos míticos e teogonias combatidas pelos autores. É também dessa significação fálica que advém o prazer do tipo miccional: passivo contínuo, interminável, sem pulsação, sem contraponto e que simplesmente SE DERRAMA e SE DERRAMA. É o que temos no longo¹¹³ texto não pulsátil¹¹⁴ de Rose Marie que, ao invés de deslocar esses conteúdos para o correr das lágrimas, por exemplo, tão presentes no mundo feminino¹¹⁵, se desloca para o correr quentinho¹¹⁶ e prazeroso do seu texto. É também no fálico que o sujeito mais do que nunca procura se agarrar à sua pseudo-autonomia, vive e faz viver os sentimentos de exclusão.

É sobretudo no estágio fálico que temos com toda sua intensidade a curiosidade sexual infantil. No tempo do fálico se dá o traumático “encontro” da diferença, mas que ainda não é um encontro verdadeiro. A diferença não é percebida na sua essência, ela é na verdade negada. É o transexismo, a androginia. É a ilusão *do* “somos todos iguais em...”. Portanto, qualquer conhecimento do novo, do diferente, do desconhecido é, como fala Kusnetzoff, “re-conhecimento”¹¹⁷, onde o sujeito empanturra o novo com o velho e acaba vendo o novo no velho, como a idéia de “nova consciência”. Nega-se a “desigualdade da constituição humana”, fato que assimilado à vida psíquica do sujeito passa a fazer parte de sua disposição e a influenciar sua relação com o mundo. Um drama estruturante potencial que pode se dissolver ou não.

Até o tempo do fálico o sujeito não se coloca problemas que o atinjam em sua constituição, procedência, lugar que ocupa no mundo, etc.. Com a irrupção do diferente aparecerão nessas crianças os “pequenos filósofos” que acabam gerando no futuro os “grandes filósofos”. Perguntam e se perguntam. E as questões “se referirão, direta ou indiretamente, à origem das diferenças”¹¹⁸ (grande/pequeno, macho/fêmea, alto/baixo, rico/pobre, etc..) e às subseqüentes angústias provocadas pela constatação progressiva dessas diferenças”¹¹⁹.

A angústia surge do tomar consciência da realidade da união sexual e seu sentido maior, ou seja, a função que possui essa diferença. União sexual negada (no, pelo, ao) Deus andrógino que gera seus descendentes, filhos humanos, a humanidade, de modo apomítico¹²⁰, por partenogênese.

As respostas (fantasias) às questões podem correr para dois lados opostos: admitem a diferença, ou seja, nem tudo é igual, ou rejeitam a desigualdade.

É significativo salientar que nesse primeiro momento do descobrir a diferença sexual do tempo fálico sofremos um forte abalo na nossa onipotência narcísica infantil. É o momento do NÃO estruturante, da LEI, que mostra que o ser não pode tudo, obter tudo que deseja. Até então era o SIM, “base fundamental sustentadora da vida” segundo Kusnetzoff indo ao encontro de Boff. Mas que não pode continuar como deseja o Teólogo, num amor incondicional, incestuoso. Essa é uma construção fálica (heterofálica) que nega o NÃO e o limite imposto pela diferença e instaura o SIM incondicional da igualdade especular narcísica. Ou seja, um projeto, que ao contrário do florescimento esperado de Boff, é mortífero¹²¹.

É ilustrativo demonstrar que há um estreito vínculo da teoria do Deus andrógino e a fantasia da cena primária¹²². Pois sob o impacto dessa cena, experienciada ou

fantasiada, o sujeito procura responder sobre sua origem como sujeito. Kusnetzoff lembra a “íntima vinculação existente entre fantasia da origem e teoria da origem¹²³.” Sabemos que essa pulsão *voyeurística* da cena, sublimada posteriormente, desembocará no que Freud chamou de conduta epistemofílica que leva o sujeito a estudar, investigar, conhecer e teorizar. Nasce daí as teorias infantis sobre a fecundação e o parto que também se desdobram em teorias filosóficas e teológicas como já vistas.

No entanto o mais importante para os nossos objetivos é sublinhar o aspecto narcísico pré-genital e a angústia de castração do estágio fálico que no meu pensar alimentam as teorias teológicas de Boff e “psicanalíticas” de Rose Marie.

Como nesse estágio as emoções são pré-genitais ocorre frequentemente uma confusão entre o que se denomina pênis e o que se denomina falo¹²⁴. É dentro desse quadro confusional que tanto homens absolutamente capturados pelo HOMINISMO¹²⁵ (110) quanto mulheres sideradas pelo FEMINISMO, ou vice-versa, mulheres hoministas e homens feministas radicais, ficam fixados, convenientemente, na fase fálica. Pois essa fase os protege da realidade da diferença, seja na sua absoluta negação seja na sua absoluta afirmação (o ismo no diferencialismo do feminismo)¹²⁶, “farinha do mesmo saco” independentemente de ser o conhecido “saco” masculino ou o fundo de saco feminino uterovaginal.

Então do mesmo modo que o pênis no menino, apenas por sua condição anatômica *evaginada*, oferece o marco inicial para se pensar a fantasia da posse no Ser, a vagina da menina, por sua condição anatômica *invaginada*, oferece o marco final para se pensar a falta no Ser. Nesse sentido é a falta, o NÃO estruturante ilustrado pelo feminino e não a posse, o SIM, fantasiado pelo masculino desejado pelo feminino, que promove o Ser Humano à sua condição mais evoluída, madura, genital. E ISSO É TUDO!!

Freud legou à humanidade que admitir a falta é o maior antídoto contra a arrogância e a violência que hoje mais do que nunca ameaçam a vida. A “inveja do pênis” freudiana é uma fantasia e não uma realidade material como pensam alguns e algumas. Não devem portanto as feministas se debaterem para diminuir a importância material de algo que nunca teve importância. Freud deixou a pista de que as mulheres não precisam invejar aquilo que nós homens não temos, ou seja, o falo, o que preenche à falta. O que se passa não é uma *inveja do pênis* propriamente dito, mas uma “reivindicação fálica”.¹²⁷ No sentido freudiano somos todos, homens e mulheres, seres faltantes, desamparados. E todos, meninos e meninas, homens e mulheres, masculino e feminino fazem nesse tempo, cada um ao seu modo, essa reivindicação fálica. Só a existência de um Deus fálico ou histerofálico, como divisou Boff no seu texto, que pode atender essa reivindicação e nos preencher (83, 110, 114).

Essa armadilha perceptual própria do tempo fálico e presente no inconsciente dos autores, é que conduz a teoria de ambos, independente de seus sexos, a uma ilusão narcísica, pois não adquire, a teoria, o conhecimento do outro como outro (diferente) e sim como extensão do si mesmo (igual). O drama teórico do pseudo-varão é o de não aceitar o sexo feminino, pois para ele a mulher não é uma diferença essencial, mas um ser que não possui o que ele pensa possuir, uma castrada no sentido psicanalítico, enquanto o drama teórico da pseudo mulher é de não se aceitar, pois pensa não possuir o que no sexo oposto pensa existir, ou ainda pensar que possui. Ambos compartilham a fantasia (teoria) do sexo único, o sexo fálico (histerofálico) ou sexo posse.

Como não contemplam a diferença constitutiva do ser humano, essas teorias permanecem afastadas do verdadeiro conhecimento dos sexos masculino e feminino, que só se faz na dimensão radical da união sexual¹²⁸, da relação, da assunção da falta e que permite o conhecimento mútuo. Então: enquanto o teórico masculino fálico mergulhado no medo de perder o que não possui, constrói um ser todo poderoso, garante dessa posse, que, ao mesmo tempo em que possui impede a perda dessa “posse”, a teórica fálica feminina constrói seu ser todo poderoso para suprir sua falta e preencher o vazio que embala sua tristeza. Um se move pelo o medo-ânsia de perder o que não tem para não entrar na tristeza, o outro se move pela ânsia de ter o que não existe para sair da tristeza¹²⁹. No entanto o que em ambos acontece é que a ânsia é a mesma e muito mais abrangente. Seu nome: angústia de morte.

Essa angústia de castração/morte é universal, ninguém escapa a ela. E no tempo fálico isso se dá pela “falsa representação da realidade”.¹³⁰ Ou seja, o masculino superestima essa “posse” e o feminino superestima essa “falta”. É só no tempo genital que ambos, mergulhados na diferença, poderão admitir-se como seres faltantes, precisados, incompletos e inacabados como diz Boff (64,74); e que essa falta essencial não é o fim do mundo, ao contrário, é aquilo que move o desejo e que nos coloca no jogo da vida. Se há uma certeza essa certeza é a morte, não adianta tentar remediar. É por isso que há um ditado popular que diz: “só não há remédio para a morte, pois a morte já é um remédio”. Parafraseando o bíblico “se queres a paz prepara-te para guerra”, Freud irá dizer: “se queres a vida prepara-te para a morte”.

Por tudo que vimos podemos sublinhar que mais importante nesse tempo fálico não é a fantasia de possuir ou não possuir *strictu sensu*, da potência ou da fraqueza, mas a negação da diferença que constitui. Ao mesmo tempo em que o tempo fálico introduz a descoberta da diferença introduz a negação desta diferença. Os desdobramentos dessa negação se não suplantada são inúmeros: fobias, melancolias, personalidades narcísicas, psicoses, perversões, etc.

Sabendo-se por outro lado que os remanescentes do tempo fálico podem permanecer ao lado daqueles significados que alcançaram o tempo genital, temos as significações fálicas embebidas em todas as expressões culturais da humanidade, não sendo por acaso que Boff divisa um falocentrismo no discurso da igreja oficial e que também é esse, no seu pensar, o sintoma do discurso da psicanálise.

Mas existe o que se chama projeção e o sujeito do tempo fálico, masculino ou feminino, irá estender a todos os outros, seus próprios conteúdos inconscientes, pois só (lógica da identidade), existe sem a dimensão do outro (lógica da diferença). É daí que se constrói a idéia da “mãe fálica” ou a de um “pai histerofálico”, que são construções que permitem à criança (ou sujeito do tempo fálico) acreditar que ela não sofrerá as dores da castração. Cito Kusnetzoff: “recentemente, nesta última década, os psicanalistas revalorizaram esta fantasia, que fala da existência, no nível imaginário, de um personagem todo-poderoso que se instala antes¹³¹ da distinção completa da diferença sexual anatômica”.¹³² Esse personagem não preenche exatamente o perfil do Deus andrógino e transexual de Boff?

6. “Àqueles a quem só resta escrever”¹³³

A última parte, *Ponto de mutação*, do livro *Feminino e masculino. Uma nova consciência para o encontro das diferenças*, coube à escritora Rose Marie Muraro. É, como já foi mencionado, sua metade maior, e que pensamos decorrer, em parte, da sua necessidade de escrever¹³⁴. Ou seja, o escrever é uma forma de gratificação pulsional, atende interesses libidinais. E não há nenhum mal nisso nem nenhuma grande novidade, é, inclusive, um dos modos pelos quais procuramos sublimar conteúdos de nossa sexualidade. Grifei propositalmente a palavra sublimar, porque a escritora irá detratar com furor o conceito de sublimação que é num admirável contra-senso sua ferramenta essencial.

Aliás, é em torno do conceito de sublimação, que ao contrário do “enorme equilíbrio” presente, como alega o editor (8), nos deparamos com o essencial antagonismo entre seu texto e o de Boff. Enquanto Rose, racionalizando, ou seja, sublimando, procura sem sucesso desqualificar a sublimação onde na verdade está, paradoxalmente, assentada, Boff sustenta todo seu texto sobre tal conceito. A mesma história torna-se a repetir. Se parece haver um equilíbrio entre os textos (os sexos) no manifesto, esse antagonismo essencial cria, ao contrário, um enorme desequilíbrio no latente.

Devo acrescentar que não posso compartilhar da supresa manifestada pelo editor ao se deparar com o equilíbrio que existe entre ambos “*sem combinação nenhuma*”. (8). É difícil, para não dizer impossível, acreditar que no registro de uma amizade de mais de 30 anos, como declara Rose Marie na orelha do livro – onde ambos conviveram estreitamente, sobretudo no mundo recíproco de seus ricos textos, tendo inclusive trabalhado os dois por anos a fio na mesma editora¹³⁵ – que um não saiba *perfeitamente* o que pode esperar do outro, ou, o que um deseja ler do outro. Há portanto uma combinação de mais de 30 anos de convívio: “percebi que íamos ser amigos para sempre”. O antagonismo que me refiro adormece no inconsciente de ambos e talvez explique em algo as boas discordâncias do passado: “às vezes, discordávamos – e como!” Não por acaso o livro venha para propiciar um acerto de contas: “Este livro é um acerto de contas que devíamos um ao outro”. No mesmo modo não posso comungar do inocente susto de ambos descrito por Rose: “Cada um fez o seu texto sem o outro saber. E, quando lemos, foi aquele susto. Eles são tão opostos que se complementam e se encaixam perfeitamente, como sempre (grifo)”. Ora, *como sempre se encaixam*, confessa, ou seja, não há nenhuma dúvida de que sabem *perfeitamente* o que mutuamente escrevem!¹³⁶ Não pude compartilhar, portanto, deste “susto” que Rose vaticina que terão os leitores também, que acaba, dessa forma, reduzido a uma simples força de expressão.¹³⁷

Ora, a oposição tão intensa que Rose consegue enxergar entre o seu texto e o de seu parceiro é a da chave/fechadura, mar/areia, carro/estrada, tomada macho/tomada fêmea, caneta/papel, bola/raquete, birimbau/caçamba, e, como diz, homem/mulher *pensantes* entre outros. É a oposição que complementa mas não antagoniza, que contrasta mas não rivaliza, que dialoga mas não incompatibiliza. Como a de dois tenistas que se opõem para que haja o tão esperado jogo, ou melhor ainda, a oposição do *frescobol*¹³⁸ em que os “oponentes”, inclusive, se esforçam para acertar a bolinha na raquete do outro. Boff e Rose Marie se “opõem” para permitir um consenso, um equilíbrio e a feitura do próprio texto, certamente trata-se de um projeto combinado a priori.

É nela que vemos com mais intensidade e abundância o que no meu resumo inicial falei dos autores que *falam* Freud sem se dar conta, e que assimilam como própria essa *fala*¹³⁹ e que, como aventei no início, deformam para poder aceitar. É ela, portanto, meu melhor exemplo de uma autora que longe de ser desonesta como intelectual, deixa transparecer toda sua desonestidade inconsciente, e, é nela, que vemos com mais clareza como arruma as idéias e descobertas freudianas ao seu modo. Então: quando oferecem suporte e consistência ao texto aparecem articuladas, sem as aspas, sem referência bibliográfica, como que dela fossem. Quando essas mesmas idéias e descobertas incomodam mas mostram sua verdade inexorável são “devidamente” torcidas e, finalmente, quando passíveis de serem atacadas, o que não é difícil em se tratando de Freud, são expostas, aí sim, como dele mesmo.

É importante registrar que o texto de Rose Marie está também e principalmente confundido, fundido com, a *pena* de Lacan, autor com o qual parece ter uma relação ambivalente de amor e ódio. Devemos considerar entretanto, no nosso contexto, a assimilação do texto de Lacan como uma assimilação do texto de Freud, afinal não existiu um freudiano mais freudiano que Lacan com sua famosa *re-leitura*.

Não há um capítulo sequer que não haja uma alusão psicanalítica. Inclusive o melhor deles¹⁴⁰, em que discorre daquilo que conhece, e que parecia que iria ficar livre de qualquer alusão à psicanálise, qual o que, ela não resiste à tentação. O capítulo que me refiro é sua melhor contribuição. Os outros se perdem no emaranhado de sua leitura equivocada dos textos psicanalíticos de Freud e Lacan, vítima que será de sua excepcional inteligência. Ao fazer as incursões em campo estranho ao seu saber, derrapa, e derrapa feio.

Talvez seja por essa mesma desonestidade inconsciente que não tenha feito referência logo de início a outro austríaco da boa escola vienense, o físico Fritjof Capra que, “coincidentalmente”, escreveu *O ponto de mutação*. Tanto Boff como Rose Marie não deixam de fazer reflexões sobre temas que foram magistralmente levantados e abordados pelo físico, que trouxe uma nova visão da realidade, a qual exigirá, como falam no livro, uma mudança em nossos pensamentos, percepções e valores. Ou seja, a nova consciência de que falam Boff e Rose Marie não é nova, mas se renova, como na obra omitida de Capra que explora e desvenda os vários aspectos e implicações de uma transformação cultural.¹⁴¹

Como disse no resumo inicial, muitos autores, como Rose Marie, *falam* Freud sem se darem conta dessa *fala* e já assimilam essa fala como própria. *Falo* em *fala* por ser a fala, no sentido que nos ensinou Lacan, aquilo que implica o *buraco* de silêncio, a *palavra justa*, a espera vã, que corresponde ao desejo do locutor, que é o *único sentido*. *Falo* em *fala* por ser a *fala* que se desdobra num contar (se lembrar) e num enunciar (produzir sentido).¹⁴² Fala/enunciado que sugere uma *escuta*, a *escuta* da psicanálise, que pode permitir que advenha do sujeito que enuncia um saber não sabido. *Falo* em *fala* porque é ela que distingue o campo do singular e que, portanto, se articula ao desejo. Então: qual a história que nos conta Rose? Qual o sentido de seu enunciado? Que espera ela, mais do que dos outros, dele? Qual seus plurais desejos (Freud), qual seu singular desejo (Lacan)? Do que quer nos convencer e se convencer? Da verdade do seu credo feminista?¹⁴³ Do caminho feminista como salvação do planeta? Ficam as questões.

A autora, no seu capítulo inicial, *Os sistemas simbólicos*, reproduz Lacan (a tópica lacaniana) e no seguinte *Vida e Morte: o ser inacabado*, reproduz Freud: pulsão de

vida, pulsão de morte, o desejo como estrutura do ser, princípio de realidade, princípio do prazer, repressão e recalque, teoria dos conflitos, e por aí vai. Busca, como Boff, subsídios do discurso oficial da ciência (células, núcleos, citoplasmas, genomas, memória genética, cromossomas, DNA, gônadas, biogênese, hormônios, hipófise, cérebro reptiliano, cérebro límbico, cérebro neocortical, etc.), mas é na psicanálise que encontra os elementos que necessita para dar corpo ao seu texto sem, evidentemente, admitir isso.

Inicia o terceiro capítulo *O desejo imortal* mergulhada na teoria do desejo de Freud: “O que há de mais primário no animal humano não é o seu pensamento e sim, como vimos, o seu desejo (...). O pensamento só pode nos tomar quando por trás dele há um desejo maior”. E assim permanece, imersa em Freud: ambivalência, indestrutibilidade do desejo, pensamento mágico, eu, negação, sujeito-objeto, narcisismo, satisfação alucinatória do desejo, fusão e defusão pulsional, polimorfia perversa, auto-erotismo, corpo erógeno, neurose, compulsão à repetição, etc. Encerra o capítulo Rose (ou Freud?, descontando o *nada mais é*, pouco afim ao estilo de Freud): “Toda religião nada mais é que essa dificuldade de lidar com a morte”.

O próximo momento *As fases da libido: o nascimento do masculino e feminino* deixa antever, já pelo título, a presença maciça em Freud. Discorre, às avessas, sobre os estágios da libido (138-143), não sendo por acaso que não aluda ao fundamental aditamento da teoria freudiana acrescentada em 1924 que está registrado em uma nota no próprio texto que cita, *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, em que Freud fala da elaboração do estágio fálico.¹⁴⁴ Tal omissão parece contribuir para pensarmos, como já exposto, as dificuldades da autora com relação à essa fase do desenvolvimento, e, que implica o último baluarte do narcisismo e da negação da diferença. Falocentrismo, *Falicidade* que rejeita no manifesto mas absorve no latente.

No entanto o que é mais significativo e crucial para minhas reflexões é que após um *esquecimento* aparece uma *paramnésia*, ou seja, uma *falsa lembrança*. Cita: “(...) podemos mapear a libido infantil em três fases: oral, anal e genital”(138). E logo adiante: “Agora, já que estamos apenas descrevendo resumidamente as fases da libido, nos deteremos na terceira fase, a fálica” (141). Ou seja, suas teorias fálico-feministas, assim como as teorias infantis, não alcançaram a genitalidade, não descortinaram a diferença, daí confundir fase genital com fase fálica. O que pode advir daí, evidentemente, não pode ser boa coisa.

É nesse momento que começa a aparecer no texto referências explícitas à Freud mas, como visto, para ser reprovado: “Assim, ao menos na nossa cultura patriarcal, seguindo Freud, (...)”. Faz então um reproche muito curioso: primeiro porque equivocado e segundo, porque usa como o argumento que tem como certo e próprio, uma concepção de Freud: “A libido infantil que Freud identifica com a sexualidade¹⁴⁵, mas que ao nosso ver é muito ampla – é o próprio instinto de vida, do qual a sexualidade representa apenas uma das manifestações” (139). E continua: “(...) na concepção freudiana, a alma é o ego. (...) o que muda toda a teoria da libido (...). Então, o determinismo ‘biológico’ freudiano¹⁴⁶ perde a sua validade num mundo acelerado e complexo como o do século XXI” (142-3).

Dessa parte do livro em diante a escritora, mesmo não tendo credências psicanalíticas, se coloca como uma teórica da psicanálise. Não precisa nem usar de modo explícito teorias das psicanalistas feministas, pois ela mesmo constrói, para perplexidade geral¹⁴⁷, várias teorias em psicanálise como poderemos demonstrar.

Então, além de compreender e traduzir erroneamente a teoria freudiana¹⁴⁸, elabora a escritora suas próprias teorias psicanalíticas, ousadia que a maioria de nós psicanalistas não se aventura, pois sabemos o quanto é tarefa para alguns poucos arregimentar recursos para criar e produzir noções gerais e sistematizadas num campo tão difícil como o da psicanálise.

7. As teorias¹⁴⁹ psicanalíticas da escritora

Afirmo que a concepção andrógina de Deus de Leonardo Boff que cria para se antepor ao Deus Fállico da igreja oficial, é, paradoxalmente, fruto de sua teoria fállica inconsciente e, o denominei, Deus Histerofállico. Fiz algumas considerações no sentido de que o teólogo, não sendo um feminista ao meu juízo, sofreria a influência feminista de sua parceira. E é dela que parece provir uma boa parte da influência fállica utilizada por Boff. As teorias de Rose Marie passam pelo mesmo contra-senso que comentamos. Sustentam na latência o falocentrismo que condena no manifesto. Denomino aqui suas teorias de *fállico-feministas*. Então vejamos: Confundindo fállico (que nega a diferença) com genital (que nasce da diferença) cita: “Nesta fase, a polaridade atividade/passividade se transforma na polaridade entre masculinidade e o seu oposto, que, ao contrário do que seria o óbvio, não é o feminino, – que é o seu complemento – mas sim a castração” (141). Como não entende que esse momento não é masculino nem feminino, mas da angústia de ambos os sexos frente à diferença que se torna eminente, decorre daí um de seus graves equívocos, confundir masculino com fállico, e, apesar de seus esforços por pensar uma sociedade igualitária quanto aos gêneros, bota a perder esses esforços, pois em seu inconsciente transfere o fállico, do masculino para o feminino. Poderíamos parafraseá-la: “nesta fase, a polaridade atividade/passividade se transforma na polaridade entre feminilidade e o seu oposto, que, ao contrário do que seria o óbvio, não é o masculino, (...) mas sim a castração”. Rose deixa transparecer esse desejo de castração como desejo de castigo, mas não como expressão simbólica de que o ser humano não pode tudo, afinal seu ser andrógino, nascido da encubadeira de sua teoria fállico-feminista pode.

Devido a sua fixação na fase fállica interpreta equivocadamente o complexo de Édipo, ícone maior da fase genital, como uma construção capenga de sua teoria fállico-feminista: “Assim, pois, a essência do complexo de Édipo para o menino é tornar-se pai de si próprio, isto é, tornar-se Deus” (141).¹⁵⁰ É justamente ao contrário. Somente a partir do NÃO estruturante desse momento do Édipo, que o Ser Humano entende que não pode tudo, e, por não poder tudo, acredita em Deus.¹⁵¹ Ignora a escritora que a despeito da dissimetria entre o Édipo do menino e o da menina, o complexo fundamental da psicanálise, universal nas diversas culturas e tempos históricos, designa o conjunto das relações que a criança estabelece com os pais e que constituem uma rede de representações inconscientes, e, que todo ser humano se vê diante da tarefa de superar. Portanto a essência do Complexo de Édipo é a mesma para todo ser humano pois é a estrutura que organiza o devir humano em torno da diferença e que abre o acesso à cultura.

Rose Marie faz realmente uma confusão excepcional, o sentimento que tenho é que mistura aleatoriamente tudo aquilo que amealhou durante a vida e que está dentro de

sua poderosa cabeça. Passo a comentar algumas partes, pois o material confuso é tão profícuo que seria impossível dissecar e catalogar as incursões aleatórias de seu texto sem escrever um compêndio.

Passo a comentar algumas passagens:

É claro que Freud demonstrou que cultura e repressão são inseparáveis mas não conseguimos entender onde quer chegar com a mistura inadequada de repressão com luta pela sobrevivência (129). Se equivoca quando reduz toda a neurose a uma desarmonia entre mente e corpo, entre instinto de vida e vontade de morrer (134). Se equivoca quando afirma que toda negação é filha do instinto de morte, assim como quando vincula negação com compulsão à repetição e experiências traumáticas infantis (135). Se equivoca quando cria um destino filosófico determinado à compulsão à repetição. Cito: “Essa compulsão a repetir é que leva a humanidade a alterar a natureza e o seu destino” (136).

Me parece resultado de sua falta de conhecimento no campo da psicanálise seu registro em uma nota sobre a “falha fatal” em Freud (137). Desconhecemos tal expressão. Erra quando interpreta a agressão como exteriorização do instinto de morte (140). Sabemos que agressividade não é sinônimo de destrutividade, ao contrário, muitas vezes está a serviço da vida, de Eros.

Seu questionamento sobre a mãe rica e a mãe pobre que suscitaria toda uma mudança na teoria da libido é, no mínimo, curiosa. Desconstruindo e reconstruindo, pois admite que sabe como funciona, acaba por criar dois tipos de alma – uma alma de rica e uma alma de pobre. É exatamente na “transição entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta pelo mecanismo da sublimação” que a autora parece se deter (142).

O título que dá ao capítulo 11 é sintomático (“A sexualidade masculina: como se fabrica uma alma”). Literalmente, Rose Marie fabrica uma sexualidade masculina sob a batuta de sua teoria fâlico-feminista, daí a sua supervalorização do pênis no sentido biológico (raciocínio concreto).

Começa então a aparecer no texto sua concepção equivocada sobre a sublimação. Sublinha, para *perplexidade geral*¹⁵², que toda cultura tem como componente estrutural a fuga da morte. Daí não reconhecer erroneamente que haja uma satisfação erótica autêntica na sublimação.

Nunca ouvi falar dessa cisão esquizóide de Eros. Eros corpóreo? O que é isso? Existe um Eros anímico? Prefiro continuar pensando no Eros de corpo e alma. O que quer dizer com *desejo propriamente dito*? (146)

É de se lamentar que a autora acredite na “natureza essencialmente violenta da sublimação”. Por esse viés o texto desenvolvido por Boff é essencialmente violento. Existe contradição maior? Sentencia o parceiro: “E isto vai torná-lo até o fim da sua vida incompatível com a mulher” (149).

No mesmo tom fâlico-feminista que fabrica uma sexualidade masculina, irá fabricar com sua teoria uma idéia de *poder* e uma idéia de *cultura*. Freud nunca associou sublimação à um processo biológico como a autora afirma. É ela que impregnada por um biologismo possui uma visão radical e pessimista, pois constrói uma fantasia (de desejo?) de fracasso universal dos processos terapêuticos psicanalíticos que evidentemente tornaria a psicanálise além de inútil, desaconselhada. Cindida, reduz com sua racionalização a experiência analítica a um mero processo cognitivo, que não vem acompanhado da emoção: “O resultado disso é que o reprimido fica intelectualmente

conhecido, mas continua basicamente reprimido. O que é pior que antes”. Portanto, o grande fracasso não é o da psicanálise, como deseja, pois o dualismo mente/corpo é da autora que com sua teoria fática torna o desejo compartimentado ora na alma ora no corpo. Não há a integração genital que é brindada no encontro da *diferença*. Ou seja, corpo como diferente da alma, e não o corpo pensado como alma como acusa a antiga tradição ocidental, ou a alma pensada como corpo como parece defender, numa fusão que surge como defesa de uma cisão (151).

Enquanto psicanalistas se esforçam para obterem uma compreensão maior da sublimação, a autora, sem nenhuma formação em psicanálise, mostra aos seus leitores “o que é exatamente a sublimação”, pois afirma conhecer os mecanismos pelos quais ela funciona. Quer confissão (fabricação) maior de poder? Não há, portanto, uma “insanidade intrínseca na sublimação” mas sim no seu conceito de sublimação. Não é à toa que diz que a “inteligência pura é loucura” (150).

Fabrica uma cultura que não é humana quando afirma que toda cultura é essencialmente dessexualizada. Penso que cria essa concepção por não entender corretamente o conceito de dessexualização (152). Em franco antagonismo com Boff que, inspirado em Freud, irá lembrar que o ser humano não encontra no mundo a satisfação total do desejo (74), alega Rose Marie que alguns conseguem – os que detêm o poder (152).

Erra quando diz que o mecanismo básico da sublimação é a negação do sofrimento e quando interpreta essa sublimação sob a pressão de suas cisões. Sublimação, negação e cisão são coisas diferentes (155). “Estranhíssimas” são suas alusões sobre a analidade. Divisa nova cisão (penis/corpo) onde pênis = fezes. Se equivoca quando afirma que a sexualidade adulta masculina é filha da sublimação e portanto do instinto de morte. Mais uma vez confunde categorias.

Irá, através de sua *fábrica de teorias*, a exemplo do que fez com a sexualidade masculina, *fabricar* uma sexualidade feminina e um corpo (160).

O que descreve inicialmente não é uma visão da sexualidade feminina a partir do homem ou da teoria freudiana, mas a partir de seu próprio enfoque teórico fático-feminista que esboça inconscientemente “uma preferência generalizada pela masculinidade” (161-2), na verdade, pela masculinidade suposta. Isso se dá pelo hábito de tomar pelo biológico, pelo *concreto*, as idéias de Freud. Vai tecendo então essa enorme confusão a ponto de colocar na boca de Freud sua própria *fala*.

Então, Rose Marie, desconstruindo e reconstruindo, *fabrica* um novo sexo feminino. E como isso se dá? Coloca em Freud o ideário de suas fantasias fáticas latentes, as mesmas que combate no manifesto e, dada a suscitada discordância que na verdade não se dá com Freud, mas com ela mesma, necessita *fabricar* teorias para tentar neutralizar os impulsos de seu próprio falocentrismo inconsciente. Sua concepção de sexualidade feminina será o resultado desse conflito entre correntes conscientes e inconscientes. Irá usar e abusar da gramática freudiana, ou seja, da terminologia freudiana, para arranjá-la ao seu modo, afim de atender à reivindicação fática que ruge no seu inconsciente. Como sua teoria não se identifica com o *feminino genital* mas sim com o *feminino fático*, acaba por construir um feminino andrógino.

É de posse desse feminino andrógino que chega à sua arquitetura de corpo, ao seu projeto corporal. Fabrica o *corpo andrógino*. Não por acaso que seu exemplo de sexualidade feminina é o de uma pessoa “que foi homem e hoje é mulher”, (166) ou seja,

um transexual. Mas a teoria, como deseja Rose Marie, é uma via de mão dupla, e podemos pensar, afinal não há limite para as fantasias, também uma pessoa *que foi mulher e hoje é homem*¹⁵³.

Mergulhada em contradições, passa a admitir a possibilidade de que a sexualidade feminina “tenha uma alternativa para a sublimação destrutiva masculina”, e para tanto diz que é “preciso saber como nós, mulheres, vivemos nosso corpo” (165).

Como o caminho para frente está obstruído, ou seja, não passa do fálico para o genital, da sexualidade infantil para a sexualidade adulta, só resta o caminho de volta: *o gozo pansexualizado e polimorfo perverso*. É assim que acredita viver seu corpo como mulher. Nós mulheres temos tudo o pai e a mãe, um corpo inteiro de zonas erógenas, o falo, enquanto o homem “possui apenas um pênis e dois testículos”¹⁵⁴, (165). E para respaldar a supremacia do gozo fálico-feminista vai buscar reforço, contraditoriamente, na milenar tradição grega (192) que considera cindida e que segundo Rose Marie vai gerar a psicanálise que com sua teoria da sublimação “distorce o corpo dos homens”. Pinça para atender ao seu contexto o grego Homero quando este pergunta a Tirésias, na *Iliada*, qual era o maior prazer, o do homem ou o da mulher. E, este, que tendo sido mulher antes de ser homem – experiência o que Rose Marie sugere no título do seu “seis meses em que foi homem” – responde: “O desejo tem dez partes: nove são da mulher e uma é do homem”. (166) A patriarcal Grécia Antiga depreciada aqui lhe convém.

É essa *felicidade feminista ou machista* que se antepõe a *felicidade feminina e masculina* e que mantém essa guerra dos sexos. Os homens genitais, e podemos incluir Freud, não temem as mulheres como sugere mas as respeitam, sobretudo diante de sua diferença e do mistério da feminilidade que carregam. O “medo terrível” fica por conta dos fálcos femininos e masculinos.

O momento seguinte, *O mundo como projeção do corpo erógeno da mulher* (169), pode ser entendido, no *manifesto*, como a concepção do mundo pelo feminino, onde a cultura da competitividade (atribuída ao masculino) dá lugar a cultura da solidariedade¹⁵⁵, no entanto, no *latente*, o que se tem é o mundo pensado através de sua concepção fálico-feminista: impera o princípio do prazer, a sedução generalizada, o declínio da sexualidade genital, o incremento da polimorfia perversa e a negação da morte. As fantasias de coesão, integração e consenso encobrem a angústia de morte mediante o emergir da diferença que é negada no registro fálico. O maior testemunho dessa presença da teoria fálico-feminista é o “seu”¹⁵⁶ registro da inveja do útero que coloca no lugar da inveja do pênis: “A inveja do útero é agora substituída pela inveja do pênis” (174). Ou seja, propõe o retorno do que acredita ter existido antes.

A Incompatibilidade entre o homem e a mulher (179) e *entre a mulher e o homem* (189) são o resultado inexorável de seu posicionamento cindido fálico-feminista. *O corpo que sublima versus o corpo que goza* retrata o estado de cisão¹⁵⁷ de sua teoria, que busca integrar na assimilação em Freud: “O feminino não se esgota na mulher nem o masculino no homem. Ambos os gêneros são definidos no nosso inconsciente” (203), no entanto estanca na fantasia da negação da diferença, pois confessa aqui abertamente que seu masculino e o seu feminino são andróginos: “Não nos referimos aqui (...) aos valores redefinidos do novo masculino e do novo feminino, como, por exemplo, a androginia” (204). Essa sua fantasia de MUTAÇÃO.

Chega a ser ingênua, pois não podemos acreditar em má fé, quando acredita que Freud e Lacan, esses dois gigantes, “sequer suspeitavam”, do embate de Eros e Tanatos¹⁵⁸

nos destinos do mundo e da existência do corpo que goza, quando foi a psicanálise que definitivamente associou sexualidade e gozo, e fundou o conceito de *corpo erógeno* (210).

Tenta caminhar no fim do livro de modo mais autônomo para o lugar onde possui extraordinária desenvoltura, que são nas suas análises políticas e sociais, no entanto, permanece sintomaticamente presa à Freud e à psicanálise, num misto de amor e ódio. Continua fabricando teorias: *fabrica um inconsciente* (213), onde concebe um inconsciente do opressor oposto a um inconsciente do oprimido e, estimulada por esse maniqueísmo, por essa dicotomia/cisão fabrica uma sexualidade “de classes” (223). Embora admita algo óbvio: que “o substrato do inconsciente é dado, mas o imaginário profundo é fabricado¹⁵⁹” (221), absolutista *o fabricado* e fica numa posição culturalista, numa crença na *eutenia* que se aproxima dos exageros racistas dos defensores da *eugenia*. É o que chamamos em psicanálise de *formação reativa*.

Seu discurso fica confuso, pois para atender sua demanda, mescla análise sócio-cultural, campo que atua com desenvoltura, com análise psicanalítica, onde seus conhecimentos são precários, talvez por apreendê-los cognitivamente, concretamente. Daí o fracasso de sua compreensão, fracasso esse que atribui à psicanálise. No entanto mesmo desvalorizada no manifesto é o único fio condutor de suas equivocadas teorias, pois *reativamente*, no latente, supervaloriza à psicanálise.

Podemos considerar sintomático quando nas páginas derradeiras do texto em que não conseguiu parar de aludir a Freud e que, evidentemente, não vai parar, fala com certo desdém: “Em primeiro lugar, ao escolhermos o modelo freudiano para a análise da parte inicial¹⁶⁰ deste texto foi porque o consideramos o mais interessante de todos (...)”. Ora, dizer que Freud é interessante chega a ser desrespeitoso. Digo que escolheu o “modelo freudiano” porque não pode escolher outro. Escolheu e vai continuar escolhendo pois seus sintomas teóricos estão fixados na relação ambivalente que possui com a psicanálise, um misto passional de amor e ódio. O vínculo de desejo de Rose Marie com a psicanálise é muito antigo e conhecido. Ao seu escárnio atual e ingratidão (ódio) à psicanálise – “(...) é a sublimação, a categoria central de todas as psicologias e psicanálises” (193), se antepõe o reconhecimento de outrora (amor) – “já existem obras histórico-psicanalíticas muito importantes, publicadas nestes últimos vinte anos, nesse sentido”.¹⁶¹

Dentro dessa ambivalência suas considerações sobre sexualidade parecem lamentavelmente desvalorizar a sensualidade e a beleza no feminino, que prefere associar à burrice e à submissão, do mesmo modo que a força e o expediente no masculino. Quanto à inteligência, parece enaltecida no feminino enquanto desvalorizada no masculino, pois no homem é resultado da destrutiva sublimação que gera seu corpo masculino sublimado, enquanto na mulher estaria mais equilibrada pela corporalidade. É o seu *corpo que goza versus o corpo que sublima*. Ou seja, no homem, a inteligência é cindida, na mulher integrada. Seus pedagógicos quadros (182,184,196,198 e206) ilustram bem essa confusa cisão teórica.¹⁶²

Outra confusão de entendimento que torna suas concepções sobre a sexualidade bastante equivocadas é a idéia que forma do conceito freudiano de *polimorfia perversa*. Numa das maiores contradições de todo o seu texto se funda num erro de premissa para *fabricar* sua teoria da feminilidade, seu *corpo erógeno da mulher*, o que torna suas concepções teóricas errôneas e absurdas. Possui uma concepção sublimada da *polimorfia perversa*, desse modo sua teoria torna-se uma espécie de sublimada perversão. Se

podéssemos, para ilustrar, comparar o caráter bárbaro da libido da polimorfia perversa, selvagem, em estado bruto e que se restringe à pulsão, ao fogo das paixões dos poetas podemos pensar Rose Marie usando ordenadamente esse incêndio para usufruí-lo. É como se dissesse a autora: *podemos usar o fogo do incêndio para aquecer nossos lares, cozinhar nossa comida, gerar nossa energia*, “poderá até continuar perverso polimorficamente”! (246) Ou seja, é de uma ingenuidade colossal, não sendo por acaso que vai nadar, nadar, para morrer na praia, felizmente. Seus últimos acordes voltam-se apaixonadamente de modo tão contraditório em defesa da sublimação que desonrou.

Essa leitura sublimada que faz do conceito freudiano de polimorfia perversa e no qual fica tão aderida, parece se dar como um resultado da dificuldade já mencionada de ambos os autores de lidarem com o estatuto da perversão¹⁶³, não só entendida como as práticas sexuais consideradas como desvios em relação a uma norma social e sexual tão caro à psiquiatria, como também, como estrutura psíquica tripartite, ao lado da neurose e da psicose, introduzido pela psicanálise, onde o conceito é desprovido de qualquer juízo de valor positivo ou negativo.

Ou seja o que caracteriza a *organização perversa* é um modelo de organização baseada na *clivagem* do eu, que se desenvolve a partir da NEGAÇÃO ou (DE)NEGAÇÃO *da diferença*. É a teoria fálico-feminista de Rose Marie que recusa a castração como símbolo do limite e que, portanto, não toma como princípio lugar na lei.

Sua teoria fálico-feminista da negação da diferença e da clivagem do eu irá desembocar ou no registro da perversão:

Se pudermos imaginar um ser humano irreprimido, que tenha superado a culpa e a angústia e, dessa forma, esteja suficientemente forte para viver e para morrer (e para matar, por que não?), em primeiro lugar este ser teria um corpo isento de toda a organização sexual (...) Seria um ser livre da imundície que é a hipersublimação¹⁶⁴ da qual nos nutrimos hoje. (...) Com um corpo assim transfigurado (253-4).

Ou no registro da psicose:

A única alternativa, pois, para essa verdadeira esquizofrenia do ser humano seria um projeto para a transformação da realidade diferente do atual projeto sublimador. Na concepção conservadora, o ego se alia ao princípio da realidade contra o inconsciente. Vencem as exigências morais contra as exigências instintivas do inconsciente (...). Mas, evidentemente, há outra alternativa: aliar o ego e o inconsciente contra o princípio da realidade. (...). Na psicose, o inconsciente vence o ego e cria para si um mundo próprio, que tem a ver com a realidade. Na descoberta do novo, ele não ignora a realidade, mas, como a psicose, procura criar um mundo novo a partir da realidade, isto é, transforma esta realidade (243-4).

Apesar de freudianamente defender o juízo de realidade, de não ver antagonismo necessário entre o desejo e a realidade, acaba por oferecer uma saída psicótica para a dita “esquizofrenia” da sublimação. O corpo fragmentado, o eu dividido que a autora remete ao sujeito da sublimação é exatamente o sujeito fálico-feminista de sua teoria, da clivagem psicótica ou perversa.

Como os conhecimentos da autora sobre psicanálise são limitados, esta não irá acompanhar o desenvolvimento da teoria freudiana sobre a sublimação. Seu desconhecimento faz acreditar que descobriu o que Freud há tanto nos legou. Ou seja, fala Freud sem se dar conta disso. Não há incompatibilidade entre sublimação e

erotização em Freud. O achado da Sra. Muraro de uma *erotização do espírito* é há muito conhecido pela comunidade psicanalítica. Diz de modo ingênuo: “Agora é ou Eros ou instinto de morte” (210). Ora, é exatamente a transformação da pulsão de morte em pulsão de vida o resultado da leitura final de Freud sobre a sublimação. Cito para ilustrar essas considerações um trecho de um trabalho meu onde foi discutido o tema da sublimação:

Uma tentativa de “*gestão do desamparo*” inspirada pela mudança do enfoque do conceito de sublimação. (...) A solução inicial, apesar das ressalvas do próprio Freud, passa pela superação do desamparo pelo domínio das pulsões sexuais através da sublimação com a transformação do *sexual* em *não sexual* e modificação do alvo da pulsão. Nos tempos finais de seu pensamento, com o sujeito jamais podendo se deslocar da posição originária de desamparo, reconhece que o mesmo deve fazer um trabalho infundável para administrar essa realidade. Reconhecer o desamparo possibilita o surgimento de outro conceito de sublimação, onde não existe mais a oposição entre sexualidade e sublimação. Outra economia do erotismo na sublimação que passa a consistir na transformação da pulsão de morte em pulsão sexual, onde o erotismo e o trabalho de criação se tornam possíveis. Habilita-se tanto os destinos eróticos quanto sublimatórios para a pulsão. Se na primeira versão sublimação verticaliza-se num espiritual, num tipo de ascese, de purificação do erotismo e desprendimento da corporeidade, na segunda é corporalidade, horizontalização das ligações do sujeito com os outros (laços sociais). Não existe mais oposição entre erotismo e sublimação e sim uma implicação ética e política. O princípio do prazer e o erotismo seriam coisas a serem conquistadas pelo sujeito, para que a ordem vital se torne possível. Pela mediação do outro a morte da origem é transformado em prazer e erotismo tornando viável a existência.¹⁶⁵

Não precisa a autora esperar que a mulher seja “a última esperança a trazer uma alternativa à sublimação”(210), pois essa erotização do mundo já existe, inclusive no âmago do conceito freudiano de sublimação. O desafio é botá-la em prática, pois os inimigos da vida possuem uma força não desprezível, e como lembrou Boff no texto em questão quando lembra o novo tempo que foi inaugurado por Jesus de Nazaré: “não basta o princípio libertador. Precisa-se criar as condições ideológicas, econômicas e políticas para sua implementação histórica”(101). Então quando a autora fala na “transformação da realidade não mais no sentido sublimatório, mas, sim, no sentido erótico” (248) demonstra todo o seu desconhecimento do conceito de sublimação em psicanálise, ou melhor ainda, demonstra seu conhecimento inconsciente, pelo menos teórico, por ter assimilado o discurso da psicanálise mesmo não de dando conta disso. Ou seja, num exercício de desonestidade inconsciente fala Freud mas não atribui a ele essa fala. Rose Marie acaba de descobrir a roda!

Dessa visão incompleta, dessa *meia verdade* acaba por construir uma *mentira inteira*. É através *dessa meia verdade* que faz a errônea e lamentável afirmação de que “a sublimação sempre leva o mundo para um sentido destrutivo”, é dessa mentira inteira que de modo injustiçoso afirma num tom pejorativo e audacioso que “Freud era muito conservador”, pois se teve alguém que teve coragem para dar um sentido erótico ao mundo, esse alguém foi Sigmund Freud. É a ciência de Freud e seu libertário erotismo que permitiu, como confessa Rose Marie, “às mulheres um excelente espaço de criatividade” (240). Espaço para *usar, abusar e se lambuzar* do discurso psicanalítico, aliás como faz com desenvoltura, para seu auditório, pois como se viu, o Jung cultuado de outrora caiu do livro, e olha que nem merecia isso.

Como em seu inconsciente trafega sob a batuta do estágio fálico, não re-conhece a diferença que procura brindar no consciente. Então: se não percebe a diferença que complementa, acaba por aspirar por uma unidade andrógina. Seu capítulo *O andrógino*, permitindo-me usar aqui o estilo da autora, “nada mais é”¹⁶⁶ que uma síntese da negação da diferença que aparece no decorrer do livro. Irá usar, para variar, Freud – se valendo de suas idéias sobre a bissexualidade e sobre a teoria das pulsões – e projetar, para variar, seu biologismo nele. Tornará a usar a sabedoria da tradição grega que desdenhou como o grande celeiro da “imunda” sublimação – usa o mito platônico da bola andrógina relatado por Aristófanos – e irá envolver também a sublimação do sublime poeta Rainer Maria Rilke, para finalmente sublimar a androginia, talvez¹⁶⁷, “a mais desejada e mais difícil das condições humanas”. Por outro lado parece colocar a androginia como um estado natural do ser humano, pois sabe diagnosticar “os desvios da androginia” (252). E quem seria esse ser reunificado natural que responde pelo modo como fazer “o ser humano chegar à plenitude da sua vida, à plenitude de sua satisfação?” (253) É o seu ser humano irreprimido.¹⁶⁸

Mas é exatamente nesse momento de clímax, de êxtase – que inclusive chega a definir (255) – de sua teoria fálico-feminista que, afortunadamente, começa o caminho de volta para abraçar a sublimação. Sai da onipotência fálica para assumir a castração e ascender ao discurso ético do humano que admite o limite, que reconhece, como disse Ariano Suassuna, que o homem não pode tudo, e que pode a partir desse momento, se desejar, acreditar em Deus. E é devido a esse retorno à sublimação que seu texto cumpre sua função em defesa da vida.

E como vai se dar esse retorno de Rose Marie para os braços da sublimação. Sinceramente não sei. Posso mostrar apenas os indícios. Começo pela frase que escreve no seu “andrógino” que oferece a possibilidade de ser entendida exatamente pelo seu oposto. Diz: “E, assim, supera o medo da morte em vida que é a sublimação” (255). Se escrevermos inspirados pelo texto “Psicanálise e Revolução”¹⁶⁹, de Wilson Chebabi, em que discorre o tema sem pontuação, sem interrupção do discurso e onde recupera desse modo a coragem subversiva e pulsional do pensamento e da linguagem inconscientes – Ou seja, onde recupera uma escrita psicanalítica revolucionária que desencanta o gênio que habita cada palavra e nos brinda com uma verdadeira livre associação polissêmica da palavra – teremos: E ASSIM SUPERA O MEDO DA MORTE EM VIDA QUE É A SUBLIMAÇÃO. O sentido corre e podemos entender que transformando morte em¹⁷⁰ vida se supera o medo, e se consegue isso com o auxílio da sublimação.

Quando cunha os neologismos *supersublimação* (193), *hipersublimação* (254) já está deixando antever a feminista que existiria uma sublimação aceitável e que seria, evidentemente, a que a mulher realiza. Os modelos super, hiper, irão ficar para nós homens. Cita: “A sublimação como os homens a vivem para nada serve a não ser para possibilitar a instauração da lei do mais forte” (270). Devemos supor que o melhor seria *a sublimação como as mulheres a vivem*.

No fim da história, outro capítulo do seu livro, admite os limites, pois não poderia afirmar “que todos os problemas das relações humanas se transformariam automaticamente com a mudança da estrutura familiar e das relações homem/mulher”. Manda de volta para o lugar de onde nunca deveria ter saído seu ser humano irreprimido pois admite a repressão no bom estilo de Freud: “Para diminuir essa repressão – evidentemente ela nunca poderá ser de todo erradicada (...)” (258). E mais adiante:

“Devemos, porém, ser também realistas: estruturas opressivas e repressivas de larga duração, que penetraram no inconsciente coletivo das pessoas e das instituições, são difíceis de serem desalojadas. Mas isso não é impossível” (276).¹⁷¹

Admite que “o velho passa por novo e o caduco por moderno”¹⁷², mas é somente quando recalamos o passado que ele (velho) se traveste de presente (no pseudo novo). Diferente, portanto, do velho que se faz novo, que se renova. Desse modo não só as novas gerações se tornam conservadoras, “a partir do seu mais profundo inconsciente”, mas todos nós conservamos nossas raízes. Como disse Freud, o bebê quando nasce já é um antiquíssimo ancião. A consciência não é nova, portanto, mas se renova. Houve apenas um *esquecimento*.

Rose Marie de modo sublime passa a denunciar a destrutividade do comportamento de oposição que, contraditoriamente e sistematicamente praticou durante todo o percurso do livro, ora contra os homens, ora contra Freud, Lacan, a psicanálise e cia. Cita: “Toda ciência de hoje, a filosofia, a economia constituem ciências de confronto, de oposição, e não de integração e conciliação”. Por que então não se concilia com a psicanálise? “Os seus métodos são os de destruir os adversários e não o de união com eles em contextos cada vez maiores. São jogos de força e não de atração” (259-60) Por que fazer de Freud e Lacan adversários e não se unir a eles pelo bem da humanidade? Sua fala (seu falo), portanto seu método, é de confronto. Não pode praticar a integração que teoriza e defende conscientemente dado o estado de cisão que impera no inconsciente.

Enfim, quando se posiciona *por uma nova ordem simbólica* morde a isca. Nos diz: “Esperamos ter deixado claro que a capacidade de sublimar – isto é, de simbolizar, de falar, portanto, de redirecionar parte do desejo para objetos não-corpóreos” – é função do córtex cerebral próprio de homens e mulheres” (270).¹⁷³ Então, trocando os símbolos pela equivalência, podemos afirmar que Rose Marie admite não só a sublimação na mulher como constrói um capítulo em homenagem à sublimação. Poderia se chamar: *ENFIM, POR UMA NOVA ORDEM SUBLIMATÓRIA*¹⁷⁴.

E num verdadeiro voltar atrás, num autêntico *fazer as pazes* com a sublimação reconhece o que pela virulência de seu texto parecia impossível: “E, também por isso mesmo, a sublimação não é necessariamente baseada no ‘matar e morrer’ – a fuga perversa à morte” (270). E sobre bases freudianas da sublimação diz: “Ela (sublimação) pode e está começando a incorporar um desejo de mais vida, que erotize a realidade, tornando-a menos brutal e mais próxima do princípio do prazer” (270).¹⁷⁵

Já de posse de um discurso temperado pela sublimação enaltece verdadeiramente o valor de mesclar os temperos sublimatórios masculinos com os femininos, onde um sem o outro é morte: “Para desconstruirmos a sociedade atual é preciso passar por uma família em que mulheres e homens se completem em vez de serem incompatíveis” (270). Ou seja, NADA DE ANDROGINIA, afinal completar não é fusionar. E termina com as mesmas ressalvas de Freud¹⁷⁶: “Está mais que na hora dessa outra ordem simbólica (sublimatória) começar a funcionar. Só esperamos que não seja tarde demais”.

Essa mudança de direção, essa volta à sublimação no texto de Rose Marie irá desembocar numa confissão de desejo inédita, desejo de um novo feminismo, quem sabe um feminismo mais feminino, um feminismo que salvguarde a feminilidade. Talvez sinta mas do que entenda, através de sua feminilidade, que o feminismo – palavra derivada do francês e que significa o movimento que preconiza a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher e que busca elevar a situação da mulher na sociedade

– a despeito das fundamentais conquistas históricas e sociais pouco contribuiu para a história do erotismo. É preciso que surja um feminismo mais erótico e menos beligerante, que é a cara metade do machismo.

Michel Foucault, dentro do que entendia como a hipótese repressiva, irá sublinhar a incitação aos discursos. É exatamente o que acontece com Rose Marie: fala de corporalidade, fala de desrepressão sexual, fala de corpo erógeno, fala do erótico, etc. Cria o “fato discursivo” e coloca o “sexo em discurso”. Sua polimorfia perversa, e isso não é um mal de todo, corresponde às “técnicas polimorfas do poder” que inclui o discurso e seu saber. A feminista está em meio daquilo que Foucault chamou de “explosão discursiva sobre o sexo”. É uma típica personagem inserida na fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII, onde o cerceamento em nome da decência intensifica o discurso indecente, sobretudo no próprio campo de exercício do poder, no caso do poder patriarcal. Daí a absorção de seu discurso à esse poder. Sua teoria fálico-feminista literalmente fabrica um poder com discurso próprio que inclui o discurso saturado sobre o sexo. Faz de seu desejo discurso, não ato. E é a ausência de ato que instiga o discurso, modo pelo qual se acerca ao sexual. Falamos muito de sexo quando não fazemos sexo, com raras exceções. É interessante registrar, pois faz parte do contexto, que Foucault diz que é sobretudo a pastoral cristã que inscreveu “como dever fundamental a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra”.¹⁷⁷

Num outro contexto, quando presidente do Conselho Municipal de Entorpecentes, no I Encontro de Conselhos Municipais, realizado em Petrópolis nos anos oitenta, onde falei de “Um modelo brasileiro de prevenção”, falei inspirado no filósofo francês da proliferação discursiva sobre drogas, que era uma verdadeira droga. Temos os viciados em fazer palestras sobre drogas, pois é o modo como entram em contato com elas e atendem sua pulsão de consumo.

Curiosamente, quando do lançamento do livro *O martelo das Feiticeiras*, traduzido por Rose Marie, participei de uma mesa redonda com a escritora e o teólogo Frei Nilo Agostini. Procurei demonstrar na ocasião com o trabalho “O papel da mulher no terceiro milênio” o quanto o feminismo em certo sentido era a cara-metade do machismo. O que devemos brindar não é o matriarcado de outrora, mas sim o EQUILÍBRIO PÁTRIO-MATRIARCAL conquistado a duras penas pela civilização micênica. Há, de modo indiscutível, um BEM no patriarcal, evidentemente, quando em equilíbrio com o matriarcal, e, é claro, vice-versa.

O novo feminismo de Rose Marie parece desejar resgatar o sublime feminino, a graça e a sensualidade da feminilidade. Suas últimas palavras são de uma SUBLIMAÇÃO irretorquível:

A consciência de que, apesar de toda a paixão, o ser humano, homem e mulher, já foi divinizado e já encontra no coração mesmo do mistério (que Freud alude ao feminino), faz com que exorcizemos todo medo da morte¹⁷⁸(...). Superado o medo pelo amor e pela transfiguração de nos sabermos mergulhados no mistério de Deus, podemos viver a vida com serenidade e peregrinar para o fim com a jovialidade de quem retorna à casa e vai beber na fonte de água fresca. (...) Tempos virão – e estamos entrando neles – em que a espiritualidade ganhará o seu direito de cidadania ao lado da estrutura do desejo, da libido, do cuidado, da consciência da dignidade humana, da sacralidade de toda vida e da subjetividade da Terra. Então iremos brilhar e irradiar (285-6).

De mãos dadas com Freud, pelo menos em seu inconsciente, vaticina novos tempos que serão trazidos com o auxílio da *estrutura do desejo freudiano*.

Termino essas considerações felicitando Rose Marie Muraro pela lembrança da grande escritora – muito mais escritora do que feminista, afinal ficou mundialmente conhecida como escritora e não como feminista, – Virgínia Woolf, e não Wolff como erroneamente¹⁷⁹ registrou, que remonta à lobo e à pessoa cruel, voraz, insaciável. Woolf se aproxima de Woof (trama, textura, tecido) ou Wool (lã, roupa de lã, lanugem).¹⁸⁰ Nome que recebeu *passivamente* de seu esposo que esteve tão ligado à sua vida e à sua morte.¹⁸¹ É na textura de seu texto, no calor sob a lanugem de seu corpo feminino que *ativamente* revela a essência de seus personagens, os pormenores de seus pensamentos e sentimentos. Não é, de modo tão masculino, em nome de uma “bandeira” como lema do feminismo antigo que, segundo Rose, irá Virgínia proclamar (decretar, promulgar, publicar) sua frase, mas, penso eu, apenas clamar em nome de um amor incondicional, do qual fala Boff. É um clamor feminino, um grito da alma, uma súplica ou um rogar. Uma súplica a um mundo sem pátrias como idealizado pelo marxismo. Um mundo que seja uma grande comuna e, quem sabe, ideal do novo feminismo. Diz Virgínia Woolf, citada por Rose: “como mulher não tenho pátria, como mulher não quero pátria, como mulher minha pátria é o mundo inteiro” (280).

Espero que a mulher Rose possa se espelhar nesse pensamento e não fazer do feminismo uma pátria. Que possa através de sua excepcional trajetória inspirar realmente o *novo feminismo*, que na verdade não seria novo, mas apenas o velho feminino *esquecido*. Volto a lembrar aqui o que o chapeleiro de Maria Antonieta irá falar à sua exigente cliente: “nada é novo, madame, apenas o que foi esquecido”¹⁸².

Endereço do autor

Av. Tiradentes, 84, Centro
Petrópolis, RJ
E-mail: ppazevedo@yahoo.com

Pedro Paulo Vellozo Alonso Azevedo é psiquiatra e psicanalista. Atua na promoção da cultura em Petrópolis, onde preside o Fórum de Ciências, Artes e Ofícios.

Notas

-
1. Freud inicia seu trabalho *A história do movimento psicanalítico* com esse dístico que consta no brasão da cidade de Paris. O brasão representa um navio e o emblema pode ser traduzido como: “as ondas o abalam mas não o afundam”. Citado por Freud em sua correspondência com Fliess.
 2. O hábito freqüente de atribuir o mal a quem o aponta.
 3. Grifo meu.
 4. Cf. FREUD, Sigmund. *O mal estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 137ss (ESB, vol.XXI). Texto de 1929.
 5. Sobre a vida e a obra de um pensador.
 6. Grifo meu.
 7. Cf. ABP Notícias (Órgão da Associação Brasileira de Psicanálise). Janeiro/2001.
 8. Grifo meu.
 9. Cf. ROTH, Michael S. *Freud, conflito e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 7.

-
10. A despeito de *reação* poder simplesmente ser considerada como um ato ou efeito de reagir, uma resposta a uma reação qualquer, é também a base de um sistema político extremamente conservador, contrário às idéias que envolvem importantes transformações político-sociais (Novo Dicionário Aurélio). Não afasto, portanto, entre tais intelectuais a presença daqueles que são sectários da reação, contrários à liberdade, e que ficaram conhecidos como *reacionários*.
 11. Cf. ABP Notícias. agosto/2000, dezembro/2000, janeiro 2001.
 12. A exposição passou por Nova Iorque (Jewish Museum/abril de 99), Viena (Sigmund Freud Museum e Osterreichische Nationalbibliothek/outubro de 99), Los Angeles (Skirball Cultural Center/abril de 02), São Paulo (MASP/outubro 2000), Rio de Janeiro (MAM/fevereiro 2001) e seguiu para Buenos Aires.
 13. Iria dizer: “Estamos evoluindo, hoje se contentam em queimarem meus livros, na idade média me queimariam”. Como é de conhecimento Freud não chegou a saber dos fornos crematórios em que foram mortos milhões dos seus, inclusive suas irmãs.
 14. Iria escrever Oscar Wilde em seu belo *O Retrato de Dorian Gray* que os ingleses não querem saber se sua idéia é boa ou má, mas se ela funciona ou não.
 15. Cf. KUSNETZOFF, Juan Carlos. *Introdução à psicopatologia psicanalítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 17ss.
 16. Que parece ser o principal mecanismo utilizado pela autora Rose Marie Muraro no texto que analisarei mais adiante.
 17. GREENSON, Ralph R. *A Técnica e a Prática da Psicanálise*. vol.1. Rio de Janeiro: Imago, 1981, p. 63ss.
 18. Podemos interpretar as resistências da autora em questão como do tipo egossintônicas. Ver nota 16.
 19. GREENSON. *A Técnica...*, *op. cit.*, p. 63ss.
 20. Ocorrida em 10 de dezembro de 2002, em Petrópolis, no auditório do Museu Imperial.
 21. Pintor austríaco (Viena, 1862 – id., 1918). Importante personagem do movimento *Art Nouveau* e do simbolismo vienense. “*Jugendstil* é a designação alemã do estilo que se difundiu, internacionalmente, por volta de 1900 (ano da publicação de *A interpretação dos Sonhos*) e que, na França, foi chamado *Art Nouveau*; na Inglaterra, Rússia e demais países *modern style* ou *arte jovem* e, na Áustria, estilo *Sezession*. O nome ‘*Jugendstil*’ designava, originalmente, um estilo que reproduzia a maneira de ilustrar e paginar a revista *Jugend* que desde 1896 aparecia em Munique, e que, posteriormente se estendeu às diversas manifestações das artes aplicadas, à arquitetura e, por fim, às artes plásticas” (LACHENAL, François. *100 anos de arte na Alemanha*. Internationale Tage, Boehringer Ingelheim e autores. Boehringer Ingelheim (RFA), 1985, p. 5). Trata-se de um artista que, assim como Freud, estava voltado para as nobres questões da sexualidade. Dedicou-se ao tema da masturbação (1907) tendo realizado várias ilustrações que foram condenadas pelas autoridades. “Klimt trabalhou em Viena, a cidade de Freud, quando o ‘pai da psicanálise’ estava mais em evidência, ainda que suas próprias explorações da sexualidade humana fossem hostilizadas. A ciência estava prestes a desencadear a guerra mais terrível da história” (HILL/WALLACE. *Erótica. Uma antologia ilustrada da arte e do sexo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 19).
 22. RILKE, Rainer Maria. Escritor austríaco (Praga, 1875 - Montreux, Suíça, 1926). Um dos líricos mais importantes da poesia alemã e um dos principais representantes do movimento simbolista (Enciclopédia Koogan-Houaiss Digital).
 23. BOFF (Leonardo), teólogo brasileiro (Concórdia, SC, 1938). Estudou no Rio de Janeiro e em Munique, Alemanha. Criou a Teologia da Libertação, que busca redimir pobres e oprimidos, com orientação religiosa e política de vanguarda. Sua obra *Igreja, carisma e poder* (1981) foi condenada pelo Vaticano. Obrigado ao silêncio, adiante rompe com a Santa Sé.
Registro em oportuno o crescente interesse de religiosos sobre o tema da sexualidade. Recentemente um teólogo que pertence à mesma ordem que pertenceu Boff, Frei Antonio Moser, escreveu um livro que teve inclusive repercussão na mídia. Não fez para elaborar seu livro sobre a sexualidade nenhuma referência bibliográfica a Freud, apesar da presença do mesmo no latente. O nome do livro, *O Enigma da Esfinge*, é, curiosamente, o nome de um subtítulo presente no mais afamado trabalho de Freud sobre o tema da sexualidade. (Cf. FREUD, Sigmund. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, p. 200). Qualquer semelhança é mera coincidência?
 24. Grifo meu. Por que uma justificativa com referencial machista, e não simplesmente “embora não fossem”? O fato de se ter marido e filhos não impede que uma mulher seja lésbica, prostituta, feia ou

- mal-amada. O mesmo texto ressentido mais adiante irá reaparecer *ipsis litteris* caracterizando exemplarmente a repetição sintomática que faço referência.. Cf. P. 190
25. BOFF, Leonardo. MURARO, Rose Marie. *Feminino e masculino. Uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p. 190.
 26. Devo ao Filósofo, grande pensador e amigo de tão pouco tempo, Luis Sergio Coelho de Sampaio, desafortunadamente falecido há tão pouco tempo (abril/2003), a verdadeira descoberta do mundo da lógica ao ser apresentado à sua *Lógica Hiperdialética Quinquitéria* que é a lógica do ser humano. Temos a *Lógica da Identidade (I)* onde pelo menos um existe (o primeiro incluído), lógica introduzida por Parmênides; a *Lógica da Diferença(D)*, que dá lugar ao outro (o inconsciente), onde pelo menos um outro existe (o segundo incluído), que remete ao *logos* pré-socrático, mas que foi introduzida a rigor por Freud e desenvolvida por Lacan com sua *Lógica do Significante*. As duas formam um par inaugurador de todas as lógicas possíveis: a *Lógica Dialética (I/D)*, onde Platão, Hegel e depois Marx vão sustentá-la; e a *Lógica Clássica ou da Dupla Diferença (D/D)*, a famosa lógica Aristotélica que virou sinônimo de lógica, mas que é a lógica do diálogo convencional. Pois bem, a *Lógica Hiperdialética(I/D2)*, de Sampaio, é a síntese das lógicas da identidade, da diferença, dialética e clássica. A lógica que permite ao Ser Humano usar apropriadamente no momento certo cada uma delas. Cf. Sampaio, L.S.C. de. *A Lógica da Diferença*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001; id., *Filosofia da Cultura. Brasil: luxo ou originalidade*. Rio de Janeiro: Ed. Agora da Ilha, 2002.
 27. Grifo meu: lembro aqui o Grande Leonardo Da Vinci: “Agora se vê que nossas esperanças de voltar as origens são como as mariposas tentando atingir a luz. Somos pois como o homem que está sempre esperando com a alegre curiosidade, pela nova primavera e pelo verão seguinte, sempre à espera de novos meses e anos. E quando o tempo por que ansiamos chega, sempre parece que é tarde demais. Não notamos que nossa ânsia carrega em si o germe de nossa própria morte. Mas deve-se saber que esse anelo é a essência da vida e que o homem é o modelo do mundo” (AZEVEDO, P.P. Você decide!: um libelo acusatório aos mitos da atualidade. Trabalho apresentado no III Simpósio Internacional Sobre Mitos, 4 a 7 de agosto de 1994 – Rio de Janeiro, RJ).
 28. BOFF/MURARO. *Feminino e masculino...*, *op. cit.*
 29. Referência à música “Sal da Terra”, do compositor brasileiro Beto Guedes.
 30. Escrevo Teólogo com T maiúsculo como um símbolo da sua grande estatura não só dentro da teologia como no campo do pensamento e das ações e atitudes de importância humanitária. É oportuno registrar que apesar de Boff sublimar a violência humana deixa transparecer freudianamente suas dúvidas quanto aos obstáculos intransponíveis impostos pela destrutividade. Dirá: “O sonho igualitário das origens sobreviverá (...), ou então é projetado para a escatologia, no termo da história humana”.
 31. PFISTER, Oscar (1873-1956). Maior expressão religiosa e cristã da psicanálise, juntamente, em minha opinião, com o nosso saudoso Hélio Pelegrino. A leitura de alguns religiosos e teólogos da “religiosidade” de Jung não me parece muito adequada, afinal o suíço não era religioso e sim um místico, além, é claro, de ter abandonado a psicanálise.
 32. Cf. Cartas entre Freud & Pfister. Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Tradução de Karin Hellen K. Wondracek. Belo Horizonte: Ultimato, 1998, p. 9.
 33. Grifo meu. Nessa passagem há uma nota de rodapé em que Freud nos fala de uma luta pela vida sob a forma que estava fadada a assumir após um certo acontecimento que ainda resta ser descoberto.
 34. FREUD. *O mal estar...*, *op. cit.*, p. 144ss.
 35. *Id.*, *Ibid.*, p. 170-1.
 36. ROUDINESCO/PLON. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 730.
 37. Cita equivocadamente Boff: “essa categoria foi introduzida no século passado, a partir dos anos 80, especialmente pelas feministas da área anglo-saxã” (p. 17).
 38. O grande equívoco dos diferencialistas é que botam a perder, paradoxalmente, a diferença.
 39. ROUDINESCO/PLON. *Dicionário...*, *op. cit.*, p. 291-292.
 40. BOFF/MURARO. *Feminino e masculino...*, *op. cit.*, p. 18.
 41. Cf.: Fronteiras da Psicanálise. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 36, n. 3, 2002, p. 618.
 42. BOFF/MURARO. *Feminino e masculino...*, *op. cit.*, p. 28ss.
 43. A escritora Rose Marie chega a construir uma leitura sublimada do conceito freudiano de polimorfia perversa, o que não deixa de ser curioso, pois a mesma ataca ferozmente o conceito de sublimação que apreende de modo bastante equivocado.

44. A despeito de valorizarem tanto o conceito de gênero que atribuem equivocadamente às feministas o livro mantém um silêncio com relação ao homoerotismo, ignorando um dos princípios fundamentais inseridos no conceito de gênero que é o da construção da identidade sexual, fato que não ocorreu por acaso.
45. LACAN, Jacques. *Seminário, Livro 11. Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. Texto de 1953-54.
46. Na ocasião do lançamento do livro disse a Leonardo Boff que tinha escrito um artigo (*femininu primordiale*) há três anos (*Tribuna de Petrópolis*, 21 de novembro de 1999), que aludia a essa idéia de um feminino primordial, e que essa idéia estava incorporada no pensamento freudiano e vinha sendo trabalhada à muito pela psicanálise. Em 1965 Michèle Montrelay, baseada em Marguerite Duras comentada por Lacan, define o gozo feminino como uma escrita, um continente negro, uma sombra ou um feminino primário, vendo portanto a necessidade de o homem e a mulher inscreverem o nome dessa sombra como marca da diferença. Curiosamente na mesma época do lançamento do livro em questão recebo a *Revista Brasileira de Psicanálise (op. cit.)* onde consta um artigo primoroso da psicanalista Ambrozina Amália Coragem Saad “Um outro olhar sobre a feminilidade: feminino-singular, o primeiro sexo”. Segundo Saad, “é possível vislumbrar nas linhas e nas entrelinhas dos escritos de Freud uma interpretação outra do que seja a feminilidade, encarada agora como condição originária constitutiva dos humanos, sejam homens ou mulheres” (p. 603).
Nessa mesma época escrevi, a convite do Editor do Jornal *Tribuna de Petrópolis* para o Caderno Mulher, vários artigos sobre a questão da feminilidade em que essa idéia de um feminino originário estava presente: Deu Cria! (8/07/98); Deu Cria II (19/07/98); O que uma mulher quer? (16/01/99); Por uma arqueologia do feminino (24/01/99); O feminino e a psicanálise (14/03/99); Por um resgate da criatividade (18/04/99); Perguntas e Respostas (25/04/99); A mulher e o servir (19/09/99); *Femininu Primordiale* (21/11/99), entre outros.
47. Cita de suas pesquisas bibliográficas: “De la signification biologique du bissexualisme”.
48. Grifo meu. Penso que esse apego à ciência (ao biológico), e a ponte que procura construir ligando-a à teologia é que pode dificultar a apreensão desse feminino fundante por parte de Boff. Esse *femininu primordiale* nada tem haver com construções que incluem as deusa-mães e uma fase matriarcal da humanidade, pois essas construções já são elaborações do feminino que se estruturam dialéticamente com o masculino. O feminino primordial não inclui ainda, menino e menina, rapaz e moça, homem e mulher, Deus e Deusa. É uma espécie de tempo de indiferenciações. Entretanto o discurso filosófico do Teólogo assimila perfeitamente isso.
49. FREUD, Sigmund. *Os instintos e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 159 (ESB, vol. XIV). Texto de 1915.
50. Grifo meu.
51. FREUD. *Os instintos...*, *op. cit.*, p. 154.
52. Grifo meu.
53. Grifo meu.
54. “Todas as diferenças remetem sempre a uma constante antropológica, comum a homens e mulheres. A diferença resulta da elaboração sociocultural desta base comum (...). Mas nunca devemos perder a consciência de que o segmento é parte de um todo” (45). E citando São Paulo (93): “Não há homem nem mulher, pois todos são um em Cristo Jesus (...)” (Gl. 3,28). “Se homem e mulher são imagem e semelhança de Deus, isto significa que Deus é encontrado neles. (...) Se Deus mesmo tem dimensões masculinas e femininas, então é sob essa forma que Ele se revela e se autocomunica na história”(106-7). “Somos Deus, enquanto homens e mulheres, por graciosa participação” (114). Penso a Trindade em que a Terceira Pessoa (Espírito Santo) é a Figura Ausente da Mãe que não fica manifesta dada ao *recalque* de conteúdos edípicos. Teríamos: Em nome do Pai, do Filho e da Mãe. Boff cita, curiosamente, que a palavra Espírito em hebraico é de origem feminina (112). Essa ausência da mãe instaura a teoria andrógina de Deus e a montagem que Boff faz do quadro final e terminal: “ser Deus por participação, Deus-Mulher, Deus-Esposa, Deus-Virgem, Deus-Mãe, Deus-Companheira”(112).
55. “Somente em casos extremamente raros, a valorização psíquica dada ao objeto sexual como meta do instinto sexual, cessa nos órgãos genitais. A apreciação se estende a todo o corpo do objeto sexual e tende a envolver toda sensação dele derivada. A mesma supervalorização se espalha na esfera

- psicológica” (FREUD, Sigmund. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 151-2 (ESB, vol. VII). Texto de 1905.
56. Cito *A Psicopatologia da vida cotidiana* em seu capítulo primeiro “O Esquecimento de Nomes Próprios”: “(...) o nome não só é esquecido como também erroneamente lembrado. Esforçando-nos por recuperar o nome perdido, outros – nomes substitutos – entram na nossa consciência (...). O processo que devia conduzir à reprodução do nome perdido foi, por assim dizer, deslocado, e por isso conduziu a um substituto falso. Minha hipótese é que este deslocamento não está sujeito a uma escolha psíquica arbitrária, mas segue caminhos previsíveis que obedecem a leis” (FREUD, Sigmund. *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 19-20 (ESB, vol. VI). Texto de 1901. Talvez fosse melhor para Leonardo Boff o nome de um outro francês menos hostil ao cristianismo que M. Foucault. Refiro-me a FOUCAULD (Charles de), explorador e missionário francês (Estrasburgo, 1858 – Tamanrasset, 1916).
57. Mais uma referência à lógica da diferença introduzida no mundo lógico pela psicanálise (Ver n.º 26).
58. LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 531ss (grifo meu).
59. LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 286.
60. Existe um estreito vínculo entre o surgimento da psicanálise e o feminino, não sendo por acaso que hoje é uma profissão que a maioria é de mulheres. A histeria, derivada da palavra grega hystera (matriz, útero), acha-se profundamente ligada ao nascimento da psicanálise mas também ao nascimento de um novo olhar sobre a feminilidade. A lendária figura de Berta Pappenheim, a famosa Anna O., um dos mitos fundadores da psicanálise e a quem se atribui a própria invenção da psicanálise, pois deu o nome de talking cure ou cura pela fala ao tratamento que vinha se submetendo, saiu do divã de Freud para se voltar para atividades humanitárias. Fundou a Judischer Frauernbund (Liga das Mulheres Judias). Tornou-se portanto sob o impacto de sua análise e do convívio com Freud uma figura também lendária na história das mulheres e do feminismo, através, sobretudo, de sua atuação social, tendo sido, inclusive, homenageada pelo o governo alemão, que irá honrar sua memória com um selo que trazia sua efígie. Quer maior evidência do vínculo do feminismo com a psicanálise? Até a conflitada Karen Horney, endeusada pelas feministas, saiu do divã de um dos fiéis seguidores de primeira hora de Freud, o grande Karl Abraham. Será uma interpretação simplista de Abraham para o “caso Horney” pela tese da Inveja do pênis que terá um efeito desastroso no seu tratamento. Seu posterior e crescente feminismo que acabará num autoritarismo auto-referencial será fruto de uma transferência analítica mal resolvida. É através da psicanálise que teremos os conceitos de diferença sexual, gênero, gozo, culturalismo, análise crítica do patriarcado, sexuação, sexualidade feminina, etc. Conceitos tão caros ao feminismo. (Cf. verbetes, ROUDINESCO/PLON. *Dicionário de Psicanálise*, op. cit.
61. Expressão que é o subtítulo do livro em questão.
62. “No transcorrer dos séculos, o ingênuo amor-próprio dos homens teve de submeter-se a dois grandes golpes desferidos pela ciência. O primeiro foi quando souberam que a nossa Terra não era o centro do universo, mas o diminuto fragmento de um sistema cósmico de uma vastidão que mal se pode imaginar. Isto estabelece conexão, em nossas mentes, com o nome de Copérnico, embora algo semelhante já tivesse sido afirmado pela ciência de Alexandria. O segundo golpe foi dado quando a investigação biológica destruiu o lugar supostamente privilegiado do homem na criação, e provou sua descendência do reino animal e sua inextirpável natureza animal. Esta nova avaliação foi realizada em nossos dias, por Darwin, Wallace e seus predecessores, embora não sem a mais violenta oposição contemporânea. Mas a megalomania humana terá sofrido seu terceiro golpe, o mais violento, a partir da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar o ego que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua mente. Os psicanalistas não foram os primeiros e nem os únicos que fizeram essa invocação à introspecção; todavia, parece ser nosso destino conferir-lhe expressão mais vigorosa e apoiá-la com material empírico que é encontrado em todas as pessoas. Em conseqüência, surge a revolta geral contra nossa ciência, o desrespeito a todas as considerações de civilidade acadêmica e a oposição se desvencilha de todas as barreiras da lógica imparcial. Em ademais de tudo isso, perturbamos a paz deste mundo também de uma outra forma, conforme em breve os senhores ouvirão” (Cf. FREUD, Sigmund. *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Fixação em Traumas. O Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 336 (ESB, Vol. XVI). Texto de 1916.
63. Grifo meu.

-
64. Grifo meu.
65. ROUDINESCO/PLON. *Dicionário...*, *op. cit.*, p. 22-24.
66. BOFF/MURARO. *Feminino e masculino...*, *op. cit.*, p. 69ss.
67. Ver p. 7 do presente trabalho.
68. LAPLANCHE/ PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1985, p. 88-89.
69. MAHLER, Margaret. *O Nascimento Psicológico da Criança. Simbiose e individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
70. Grifo meu. Temos aqui a habitual má vontade com a psicanálise. O melhor teria sido dizer que “não há terapia que possa curar”. Do modo que está pode sugerir que outro tipo de terapia pode dar conta do homem trágico. Por exemplo uma terapia centrada na pessoa, gestalt-terapia, hipnose, florais de Bach, técnicas de relaxamento, etc. Isso só demonstra como a psicanálise ocupa um lugar privilegiado no seu imaginário ao ponto de se situar numa posição antitética à sua construção teológica. Ignora Boff aqui que a psicanálise não se propõe a *curar* nossa condição de desamparo, pois como ele mesmo confirma, essa condição é inerente ao ser humano sendo somente o encontro com Deus que pode atender-la, tarefa portanto inteiramente fora do alcance da psicanálise. O que a psicanálise pode fazer é coisa muito diferente. Pode auxiliar àqueles que se propõem a reconhecer tal estado de falta a aprender a conviver com ele. Para nós psicanalistas admitir nossa condição de desamparo é a melhor maneira de enfrentá-la. Outra questão é quanto a palavra curar (do lat. *Curare*, que remete a cuidar) que para psicanálise é mais um pro-curar (um pró cuidar, um cuidar por). O sujeito está curado do ponto de vista da psicanálise quando se torna capaz de cuidar por si e pelo outro. E o cuidar não é uma coisa que se faz e pronto. Cuidar é uma vida inteira. O próprio Boff escreveu um livro que deu o nome de *Saber Cuidar*.
71. A Realidade Suprema poderia ter aqui a mesma conotação do “sentimento oceânico” de Romain Rolland mencionado por Freud no início de seu trabalho *O mal estar na cultura*.
72. A peça de teatro super premiada (com vários prêmios Molière) do dramaturgo francês Eric Emmanuel Schmitt “Le Visiteur” que ficou em cartaz no Rio de Janeiro de agosto de 94 a dezembro de 95 com o nome de “Freud e o Visitante”, com Claudio Cavalcanti fazendo o papel de Freud e Maria Lucia Frota o de Anna Freud, aborda um inusitado encontro que teria tido Freud com um inesperado visitante. Deus? Um louco? O alter-ego de Freud? A peça traz portanto a idéia de Freud como figura de contraste com Deus.
73. Interpolação que faço me utilizando da sinonímia presente no próprio texto de Leonardo Boff.
74. Grifos meus.
75. Grifo meu.
76. Diz Boff no seu texto: “O próprio Paulo, tão contraditório quanto às relações de gênero (...)”. Podemos pensar Boff no lugar do apóstolo Paulo.
77. Grifo meu.
78. Grifo meu.
79. Ele, o Deus Fálco, não deseja com o outro como abordado no livro, nem sequer deseja, simplesmente decide.
80. Interpolações minhas.
81. Grifo meu.
82. Hoje a comunidade psicanalítica é formada na sua maioria de mulheres.
83. Admiração é um dos modos de expressão do amor, aliás muito feminino, pois é sabido que uma mulher dificilmente ama um homem que ela não admire, ou seja, mire próximo.
84. “Nosso esforço representa grande estímulo a descoberta da tradição do matriarcado e das divindades femininas (...). Deus emerge como Pai e como Mãe ou, numa linguagem inclusiva que supera as justaposições, como Pai maternal e como Mãe paternal. Mais radicalmente ainda, muitas feministas falam do Deus e da Deusa para mostrar a unidade de Deus. Ou para mostrar a unidade de Deus (...) escrevem-no da seguinte forma: Deus/a”. Critica, então: “Entretanto, tal formulação só é compreensível na escrita, não, porém, no uso linguístico e litúrgico”. E mesmo reconhecendo que essas expressões buscam uma realidade que ultrapasse as determinações sexuais, que eu ponho dúvida pois a questão feminista é sexual, diz: “não se pode renunciar à palavra Deus. Deus não é necessariamente identificado com o masculino(...). Quem sabe, escrever e dizer Deus-Elle ou Deus-Ela? Mas, a rigor, isso não melhora a nossa compreensão. Mais avisado seria manter a palavra Deus com o rico significado semântico que lhe advém do sânscrito (di) e do grego (theos)”. Que segundo Boff significam

- respectivamente luminosidade e solicitude. Ainda fala em Deus-Pai e Deus-mãe mas irá continuar a usar preferencialmente a palavra Deus ao invés das opções elencadas. Ou seja, Deus é masculino.
85. É preciso desconstruir aqui essa idéia de se associar ao conceito de patriarcal o que é ruim. Patriarcal diz respeito ao pai que pode ser perfeitamente um pai bom, justo e digno. O conceito inclusive remete à dignidade. Usa-se no sentido popular e figurado a palavra patriarca para designar um velho respeitável. Totalmente diferente do conceito patriarcal pensado como exercício ilegítimo de poder. Registro aqui que algumas mulheres que defendiam causas femininas quando obtêm o poder tornam-se muitas vezes insensíveis e cruéis. É também o caso daqueles que quando começam sua vida política se colocam como de ideais humanitários de esquerda e depois de obter o poder começam a mostrar seu colorido de direita oportunista. Ex-comunistas, ex-socialistas que se tornam reacionários exemplares.
 86. KOOGAN/HOUAISS. *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*. Rio de Janeiro: Edições Delta, 2000.
 87. Sampaio, L.S.C. *A Lógica da Diferença*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 41ss.
 88. Os sentimentos sádicos que se atribui ao pai ou suas representações retratam muitas vezes a projeção de sentimentos primitivos de raiva, cólera e desespero da criança, fruto de suas fantasias em relação à cena primária (cf. presente trabalho p. 28).
 89. Rose Marie Muraro chega a se justificar que não está fazendo isso! É na sua parte que vemos mais claramente esse clima de guerra dos sexos disfarçada (cf. p. 203).
 90. Poderiam os mais crentes acreditarem que são conduzidas ao redil para defendê-las dos lobos. No entanto custo acreditar que a preocupação fosse protegê-las dos lobos – para isso teriam os ovinos seus mecanismos naturais de defesa – e não explorá-las economicamente ou de qualquer outro modo. Nada mais gratificante que a liberdade.
 91. Uso propositalmente a preposição **DE** ao invés da contração da preposição **DE** com o artigo **A**. Afinal buscando um ideal igualitário não falamos, por exemplo: Os desígnios do Deus, e sim, de Deus.
 92. Ver nota anterior.
 93. Referente a agnosticismo que diz respeito a qualquer doutrina que declara o absoluto inacessível ao espírito humano ou que considera vã qualquer metafísica ontológica.
 94. Grifo meu. Resquícios do androcentrismo da Santa Sé.
 95. Mandou pois **o Senhor Deus** um profundo sono a Adão; e quando ele estava dormindo, **tirou** Deus uma das suas costelas, e pôs carne em seu lugar. 22. E da costela que tinha **tirado** de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher, que **Ele** lhe apresentou (Gn 3, 21-22). Poderíamos pensar ironicamente inspirados pelas terminologias feministas e falar **Ela, a Senhora Deus**.
 96. CUNHA, A.G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
 97. Neologismo por mim introduzido para dar idéia de que a teoria de Boff está mergulhada nas concepções da fase fálica mais pela negação da diferença do que pela potência fálica fantasiada no estágio. Apesar dessa última (O Poder Fálico) acabar escapando do inconsciente do Teólogo ao conceber Deus.
 98. Trata-se da fase fálica que se dá por volta do terceiro ano de vida.
 99. Não vejo em Boff um defensor do **feminismo** pela preponderância do sufixo que sugere, entre outros, sistema e exercício de poder, mas sim pela essencial e indispensável presença do feminino no processo da vida. A maior identificação de Boff não é ao meu pensar com o feminismo mas com o feminino, que são coisas bem distintas. Nem sempre o feminismo defende o feminino, muito pelo contrário, as vezes lhe é letal. De certo modo, sem desmerecer as conquistas fundamentais do feminismo no campo social e político, o feminismo não deixa de ser, sob certo aspecto, a cara metade do machismo, e muitas de suas protagonistas, detratam de tal modo os homens, que acabam por alimentar um ódio que põe em risco o processo vital do mesmo modo que a violência estúpida do macho. É um erro atribuir a violência ao masculino. A violência é algo dos humanos, e não polpa as mulheres de vivenciá-la e apreciá-la. Pelo fato de possuir a Testosterona produzida nos testículos, os homens apresentam um maior grau de agressividade manifesta, no entanto as mulheres são capazes de albergar no latente e camuflar uma agressividade proporcional a do homem, que quando se exterioriza não faz menos estragos que os feitos pelo masculino. A mitologia (que Boff tanto alude) esta coalhada de relatos das cueldades e da destrutividade de certos mitos femininos. Cito um capítulo, Mulheres Perigosas: “As mulheres demônio são amplamente imaginadas como sedutoras, graças à sua beleza ou poderes mágicos. Transmutar suas aparências as permite tapear os incautos e confundi-los com seus feitiços. Na Índia, diz-se que por precaução, é possível reconhecer-se uma Rakshasi (mulher demônio) pela maneira como seus pés

apontam para trás. Os nomes de exemplos conhecidos deste tipo de ameaça entraram mesmo na linguagem: na mitologia grega, as Sirenes eram monstros que seduziam os marinheiros em direção à sua morte. Os campos floridos onde residiam outras, estavam prenhos de ossos humanos. Tinham um apetite insaciável por sangue e atraíam suas vítimas usando-se de sua aparência.” (Cf. IONS, Veronica. *The History of Mythology*. Surrey: England, CLB, p. 94-5).

O romance *O mulato* (1881) do romancista maranhense Aluísio de Azevedo é um exemplo magistral da crueldade que pode chegar uma respeitável Senhora. Que se utiliza inclusive de um objeto fálico para destruir a feminilidade: “(...) recebia em casamento a senhora dona Quitéria Inocência de Freitas Santiago, viúva, brasileira, rica, de muita religião e escrúpulos de sangue, e para quem um escravo não era um homem, e o fato de não ser branco constituía só por si um crime. Foi uma fera! A suas mãos, ou por ordem dela, vários escravos sucumbiram ao relho, ao tronco, à fome, à sede e ao ferro em brasa(...). José, que sabia perfeitamente de quanto ela era capaz, correu logo à vila para dar providências necessárias à segurança do filho. Mas, ao voltar à fazenda, gritos horrorosos atraíram-no ao rancho dos pretos; entrou descoroçoado e viu o seguinte: Estendida por terra, com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro em brasa. Ao lado, o filhinho de três anos gritava como um possesso, tentando abraça-la, e, de cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, a ordem de Quitéria, desviavam o relho das costas da escrava para dadejá-lo contra a criança. A megera, de pé, horrível, bêbada de cólera, ria-se, praguejava obscenidades, uivando nos espasmos flagrantemente da cólera. Domingas, quase morta, gemia, estorcendo-se no chão. O desarranjo de suas palavras e dos seus gestos denunciava já sintomas de loucura” (AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 51-2).

100. Freud demonstrou como para atender a censura realizamos o deslocamento de representações de partes inferiores do corpo, como a dos genitais, para partes superiores (exemplo: do pênis para o nariz). Ora, o útero fica posicionado anatomicamente acima da vagina, sendo sua continuação e, o que é significativo, goza de melhor reputação que sua vizinha de baixo. É mais fácil para um religioso falar de útero (associado à sublime maternidade) do que da vagina (associado ao indisfarçado ato sexual). Não é possível falar em “vagina acolhedora” sem causar embaraços. É um Deus com útero mas sem vagina.
101. Ver nota anterior.
102. Não há diferença, em minha opinião, do Deus de Boff que possui uma face materna e de Géia (Gaia) da mitologia grega. Parece fundir o mito de Deus (de Zeus) “do céu” ao de Géia, à “Terra” pensada em oposição ao Céu. Géia sem concurso de macho, isto é, por partenogênese, deu à luz a Úrano (o céu). Tem seu nome associado à muitos casamentos incestuosos, histórias de ódio, sangue e guerra. Criação da vida e de monstros. “A pouco e pouco, no entanto, com a antropomorfização dos deuses e sua personificação, a Terra, reserva inesgotável de fecundidade, transmutou-se em mãe universal e mãe dos deuses(...). Géia foi se afastando da mitologia para entrar nos domínios da filosofia (...). Assimilada à mãe, a Terra é símbolo de fecundidade e de regeneração (...). A própria Terra, que sozinha gera todos os seres, alimenta-os e depois recebe deles novamente o germen fecundo (...). Como origem e matriz da vida, Géia recebeu o epíteto de Magna Mater, a Grande Mãe (...). De toda forma, esse *regressus ad uterum*, essa descida ao útero da terra, tem sempre a mesma conotação religiosa: a regeneração pelo contato com as energias telúricas; morrer para uma forma de vida, a fim de renascer para uma vida nova e fecunda” (BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico-etimológico*, vol. I. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 460-2).
103. Uma teoria sexual infantil é uma resposta, ou um conjunto articulado de hipóteses dado a si mesma pela criança para diversas perguntas (cf. KUSNETZOFF. *Introdução à psicopatologia...*, *op. cit.*, p. 56).
104. Vishnu e Laxmi, Krishna e Radha, Indra e Indrani, Shiva e Parvati, etc.
105. Nas considerações de Boff fecunda como Deus e concebe como Maria ou seja, como Deus por participação. Deus gesta em seu ventre o conceito que ele mesmo gerou.
106. Cf. as lindas passagens citadas por Boff (p. 99-101). Penso que Boff, identificado com Jesus irá romper com o terrível celibato compulsório e desenvolver sua obra pastoral ao lado de sua companheira, sua Maria de Mágdala. Registro ainda que também há, atualmente, dentro dos círculos religiosos aqueles que admitem a concepção de Nossa Senhora por contato carnal. A palavra virgem na bíblia teria sido um equívoco de tradução, talvez não por acaso, onde o mais certo seria jovem. Teríamos A Jovem Maria ao invés de Virgem Maria. Em nota de rodapé da tradução de Isaías, capítulo 7, versículo 14 (“eis que a jovem mulher está grávida e vai dar à luz um filho...”), o tradutor

- Emanuel Bouzon comenta: “*Jovem mulher* (em hebr. *almah*): (...) A tradução grega dos LXX interpretou *almah* no sentido de ‘virgem’, deslocando o sentido original do nascimento do filho para o da concepção virginal. É neste sentido que Mt 1, 22-23 aplica o texto à concepção virginal de Maria” (cf. BIBLIA SAGRADA. Edição da Família. 45 ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 895).
107. Grifo meu.
 108. É ilustrativo mostrar que nesse momento de suas reflexões em que Boff demonstra como a Igreja que se derivou da herança do filho de Deus é dirigida exclusivamente por homens, não consegue romper com a tradição falocêntrica da Santa Sé. Diz: “A mulher pode ser mãe de um sacerdote ou de um bispo, mais jamais poderá aceder a estas funções”. Poderia dizer, parafraseando Boff, o que ele não diz: A mulher Maria pode ser a mãe de um Deus, mas jamais poderá aceder a esta função, jamais poderá ser Deusa.
 109. Na Crucificação, Jesus pediu ao apóstolo João que tomasse conta de Maria. Parece que, naquela época, ela já era viúva. As primeiras lendas cristãs retratam incorretamente José como um viúvo idoso. Parece que essa imagem visava evitar a impressão de que José foi o pai biológico de Jesus. Mas, pelos costumes matrimoniais da época, José deveria estar com 30 anos quando desposou Maria.
 110. BRANDÃO. *Dicionário Mítico-etimológico...*, op. cit., p. 560.
 111. KOOGAN/HOUAISS. *Enciclopédia e Dicionário...*, op. cit.
 112. Pode-se reparar que a palavra Deusa é mencionada novamente com **d** minúsculo, no entanto, ela possui um nome mas ele não. Fiorenza não foi tão feminista.
 113. Tirando o trecho do editor e da introdução escrito por ambos, das 271 páginas seguintes, 168 são de Rose Marie, o que dá a diferença de um outro livro (65 páginas), contra as 103 de Boff. Irá escrever a orelha do livro também. Nesse aspecto quantitativo o livro é feminista. É o prazer de se derramar na necessidade de escrever.
 114. Em que falta a pulsação genital.
 115. Para amanhã não ser acusados de androcêntrico lembro que eu disse mundo feminino, não mundo da mulher. Ou seja, homens choram e discorrem coisas em textos também.
 116. Alusão ao miccional sem fim e prazeroso. É possível notar a dificuldade da autora de “terminar”, de sair do “troninho” de suas especulações. Ensaia terminar duas vezes: No capítulo 23 “**O fim** da história” que ainda não é o fim; e enfim, no capítulo 24 “**Enfim**, por uma nova ordem simbólica” que ainda não seria, para finalmente terminar em sua “Conclusão” no capítulo 25.
 117. KUSNETZOFF. *Introdução à psicopatologia...*, op. cit., p. 48ss.
 118. Aqui no tempo fálico estão as sementes das questões de Boff elencadas no seu texto (cf. p. 90-1).
 119. KUSNETZOFF. *Introdução à psicopatologia...*, op. cit., p. 48ss.
 120. Relativo a apomixia que é a reprodução assexual.
 121. Ver p.15 do presente trabalho.
 122. Cena de relação sexual entre os pais, observada ou suposta segundo determinados índices e fantasmada pela criança, e que esta geralmente interpreta como um ato de violência por parte do pai. (Cf. LAPLANCHE/PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise...*, op. cit.
 123. Grifo meu.
 124. Enquanto o Pênis é o órgão reprodutor masculino possuindo uma realidade anatômica e sensível, o Falo tem uma realidade não sensível, abstrata, simbólica. O Falo é uma fantasia que traduz a idéia de uma unidade, uma potência do Ser.
 125. Uso aqui HOMINISMO não no sentido que Boff fornece do processo do Homem evoluir de sua condição animal, mas no sentido que lhe confere Fausto Candiago como expressão da Contestação dos Homens. Cito: “Tudo isso consubstanciado no movimento sócio-cultural que denominei ‘hominismo’, neologismo de minha autoria, extraído da palavra latina ‘homo, hominis’, que teria o significado aproximado de O movimento dos homens” (Cf. CANDIAGO, Fausto. *Hominismo. A Contestação dos Homens*. Rio de Janeiro: Verbetes, 1992, p. 13. Grifos meus).
 126. Ver nrp 38.
 127. KUSNETZOFF. *Introdução à psicopatologia...*, op. cit., p. 63.
 128. Por não estar a união sexual na dimensão do Deus Andrógino de Boff, ao contrário de SEU magnífico Jesus de Nazaré, está condenado a não poder fazer nada pelo seus filhos de humanidade pois não pode reconhecê-los. Penso a partir disso que é da sua concepção de Jesus, Filho Genital e não da sua concepção do Deus andrógino, o Pai Histerofálico, que proveio a inspiração dessa realidade gigante que é a Teologia da Libertação. Se parece faltar uma Deusa Mãe é só caminhar mais um pouco e

- escutar a voz do povo e eleger Jesus e Maria que remetem à união sexual. Ele com Maria de Mágdala, e ela, se não com José, com um princípio masculino encarnado e digno qualquer.
129. Podemos ainda elaborar uma outra situação e que é mais destrutiva para a dupla em que o fático masculino não teme perder por acreditar inviolável essa posse e a fálica feminina não deseja mais ter pois acredita possuir.
130. KUSNETZOFF. *Introdução à psicopatologia...*, op. cit., p. 60.
131. Grifos meu.
132. KUSNETZOFF. *Introdução à psicopatologia...*, op. cit., p. 62.
133. Expressão utilizada em sua dedicatória pela psicanalista Giovanna Bartucci que organizou o livro *Psicanálise, Literatura e Estéticas de Subjetivação* (Rio de Janeiro: Imago, 2001).
134. Ver p.19 do presente trabalho e a nota 113.
135. Rose Marie Muraro que além de editora também era autora, enquanto Leonardo Boff na época era editor religioso. Cf. ANDRADES, Marcelo Ferreira. *Editora Vozes: 100 anos de história*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 150-2
136. Cf. orelha do livro: “E de fato foram mais de trinta anos de encontros e desencontros os mais emocionantes ou os mais engraçados possíveis, mas sempre procurando convergências nas nossas divergências” (grifo meu).
137. Cf. orelha do livro.
138. Jogo para dois parceiros (tipo Boff/Rose Marie), praticado ao ar livre, especialmente nas praias, no qual se utilizam raquetas e bola de borracha (Cf. *Novo Dicionário Aurélio*).
139. É importante salientar que é com o texto de Lacan que a autora está mais confundida, fundida com, basta notar o indisfarçado “plágio” que abre o “seu texto”: “O ser humano se comunica com o real pelos sentidos e pela capacidade de simbolizar(...). A tudo que não constitui os sistemas simbólicos chamaremos de imaginário, não simbolizando as pulsões(...)”. Não temos e nunca teremos acesso ao real como um todo” (121). Ora, sendo deliberadamente irônico, a tópica do Real, Simbólico e Imaginário é a obra prima de Lacan, não de Rose Marie, tendo sido ele que “chamou” não ela.
140. Refiro-me ao capítulo 23 que apesar do nome infeliz “O fim da história”, pois a história não tem fim, discorre de modo lúcido sobre aspectos da sociedade.
141. CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
142. Como já foi dito no presente trabalho, um sentido, nem sempre sentido para quem faz o enunciado, independente de fazer sentido para quem o recebe, ou mesmo de possuir um sentido válido mais geral. Ver presente trabalho p. 5.
143. É sabido como o crente pregador necessita converter o incrédulo para se convencer e reforçar sua própria crença sempre sob dúvida. São suas dúvidas quando atroztes que o levam para o fanatismo.
144. FREUD, Sigmund. *Três Ensaio...*, op. cit., p. p. 151-152.
145. Ela quer identificar libido com o que? Até o mundo leigo já sabe: **LIBIDO** s.f. Psicanálise Energia fundamental do ser vivo, que se manifesta através da sexualidade. (Freud considerou-a a expressão do "instinto de vida" [eros], opondo-a ao instinto de morte" [desejo de autodestruição]. (cf. *Enciclopédia Koogan-Houaiss Digital*).
146. Associa Freud a um determinismo biológico mas é seu texto que manifestamente se agarra ao biológico. Um exemplo é seu conceito biologizante de cio em que mulher vira fêmea humana: “a fêmea humana não tem cio, isto é, ela está receptiva sexualmente durante a vida toda. Ora, isso faz com que os seres humanos tenham a mais que os outros animais, além do córtex, uma sexualidade muito desenvolvida que os faz acasalar-se continuamente, ao passo que as outras espécies só se acasalam em certos períodos” (126-7). O que Rose com seu determinismo biológico, mesmo não sendo ao contrário de Freud inserida nas ciências naturais, entende por receptividade sexual? Será que não entende que a mulher possui um cio emocional, moral e ético e que nem sempre está receptiva sexualmente? Um cio que é da dimensão grandiosa do desejo humano? Será que não vê que a união sexual humana não se reduz ao acasalamento, ou seja, reunir macho e fêmea para procriação? Estaria confundindo sexual com genital?
147. Caberia aqui a expressão de Leonardo Boff (p. 103). Poderia interpretar aqui que a autora sucumbe à Inveja do Pênis, a noção tão desprezada pela mesma. Parece pretender, desejar, mudar não só toda a teoria da libido como, pelo visto, toda a psicanálise que teria perdido toda a sua validade. Inspirados pela a concepção do matriarcado e das Deusas mães podemos imaginar a autora equiparada com o

- próprio Pai da psicanálise tornando-se a Mãe da nova psicanálise que pudesse dar conta do complexo e acelerado mundo da atualidade.
148. Uma das formas que a assimilação de Freud por Rose Marie se faz equivocada é porque quando não cita Freud erroneamente, ou seja atribui a ele o que não disse ou não disse bem assim, coloca uma citação certa num contexto errôneo. Peca muito na exegese!
149. Todos conhecemos o valor dos estudos psicanalíticos em tono das pesquisas sexuais da infância e que Freud abordou inicialmente em seus Três Ensaio, e, como esse “Instinto de Saber” sofre um incremento no que chamou fase fálica do desenvolvimento psico-sexual. Registro isso por que atribuo as teorias dos autores à elaborações que remetem à essa fase do desenvolvimento.
150. Trataria-se de uma projeção? Atribui ao Édipo dos meninos seu próprio desejo. Penso que Boff e Rose Marie re-editam simbolicamente o mito de Adão e Eva. É o **SIM** incondicional de Boff, sua construção de um Deus Histerofálico e as teorias fálico-feministas de Rose Marie que os colocam na mesma dimensão do mito de Adão. O que querem inconscientemente com suas teorias é serem deuses. Cita Boff: “Por mais profundas que sejam as questões que acabamos de suscitar, elas não são, no entanto, suficientemente profundas. Não nos contentamos com o questionamento: o que significa o masculino e o feminino para nós no nosso caminho para Deus e como caminho de Deus para nós. Vamos mais longe. Ousamos perguntar: o que significa o masculino e feminino para o próprio Deus?” (109). E Boff responde por Ele! (grifos meus). Dizem as sagradas escrituras: “5. porque Deus sabe que tanto que vós comerdes desse fruto, se abrirão vossos olhos; e vós sereis como uns deuses conhecendo o bem e o mal” (Gn 7, 5).
151. Numa Linda entrevista concedida ao entrevistador Roberto D’Avila, o genial Ariano Suassuna, mostra como saiu de seu anterior ateísmo para sua crença em Deus. Ao contrário daqueles ateus que acabam se ancorando em Deus na velhice, Suassuna diz que passa a acreditar na existência de Deus diante do fato de que o homem não pode tudo. Esse não poder tudo é que é Deus. Pensa Deus apenas a partir de nosso limite, e isso é tudo. Sem teorias, LINDO! Não vejo nenhuma incoerência entre o ateu de outrora e o teísta de agora, afinal como diz meu Compadre Bernardo citando teólogos: “crentes e incrédulos participam ambos da dúvida e da fé”. É a tal historia história popular: não há ateu que não creia e crente que não duvide!
152. Ver nota 147.
153. A autora irá escrever um livro, que cita várias vezes na sua bibliografia, que dá o título de Os seis meses que fui homem. É ilustrativo registrar que na noite de autógrafos quando adquirimos (eu e minha mulher) o livro em questão Boff falando em *integração* escreve: “Integrem o masculino e o feminino para terem uma experiência plena do humano”, Rose falando em *fusão* escreve: “para Pedro Paulo e Vânia em busca do andrógino”.
154. Grifos meus. Temos aqui um exemplo perfeito da onipotência fálica da teoria fálico-feminista da escritora que venho aludindo, que é, como já vimos, a oni-impotência genital ou toda impotência genital.
155. Cf. presente trabalho p. 6. Quando nas suas elucubrações relembra um tempo “quando o feminino era o gênero hegemônico” limita erroneamente a propriedade comum de tudo ao matriarcado. Ignora por acaso o sistema igualitário de algumas tribos indígenas (como os Tenetehara)? Onde se tem (a) uma economia em que todas as funções produtivas são atribuições de todos, (b) todas as funções sociais podem ser exercidas por qualquer homem ou mulher, (c) um ideário igualitário onde o indivíduo é concebido em igualdade de condições, direitos e deveres (Cf. GOMES, Mércio. *O Índio na História*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 62-4).
156. Omite o nome da ressentida Karen Horney que falou da inveja da maternidade dos homens e que iria se refugiar na auto-análise e na auto-referência. Tomada de um autoritarismo de fazer inveja a qualquer “homem”, nesse amor a si maior do que pela feminilidade, irá se aproximar do nazista Göring, e envia para ele o sugestivo trabalho “A necessidade neurótica de amor”. Sua última teoria (1950) é sintomática: “**Auto-realização de si**”.
157. Cf. presente trabalho. P. 26.
158. Cf. presente trabalho P. 6-7.
159. Melhor seria construído ao invés do fabricado, mas vai lá que seja!
160. Grifo para mostrar que chega a ser hilariante, pois já estamos nos estertores do livro e Freud continua sendo o fio condutor. Dirá: “(...) ainda usando Freud ...” (174). E como usa! Aliás, só usa.

-
161. Cf. seu ensaio “A Arqueologia do Feminino” publicado no livro *Em Busca do Feminino. Ensaios psicanalíticos*, organizado pela Associação Brasileira de Candidatos ligados à IPA, associação internacional fundada por Freud. (São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993).
162. Coloca num verdadeiro contra-senso machista a inteligência no lado dos homens, ou seja, as mulheres, não andróginas, seriam burras sensíveis.
163. Cf. presente trabalho. P. 8.
164. Grifos meus assim como a observação entre parentesis. Esse neologismo é onde a autora vai se agarrar para desfazer suas considerações negativas sobre a sublimação.
165. *O bem estar na cultura. A cultura do bem estar*. Trabalho apresentado no Encontro Latino-Americano dos Estados Gerais da Psicanálise. São Paulo, outubro de 2001. Os estudos sobre a sublimação em Freud foram retiradas do trabalho de Joel Birnam. *Mal estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (grifos meu).
166. Quando registrei o modo audacioso da autora é por notar sua falta de cuidado no discorrer de suas idéias. A aparente ousadia e arrojo logo denotam a afoiteza e atrevimento. Irá usar inúmeras vezes de maneira audaciosa e peremptória as expressões: Nada mais é, nada mas são: “a neurose nada mais é” (134); “toda religião nada mais é” (136); “a agressão nada mais é” (140); “Todas as cosmogonias nada mais são” (170); “estas nada mais são que...” (251). Como se fabrica o poder!
167. É louvável que tenha denunciado uma dúvida.
168. Cf. presente trabalho. P. 30
169. CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Crise na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p.101ss.
170. A preposição EM denota aqui mudança de estado. Onde se tinha morte agora se tem a vida.
171. Cf. no presente trabalho (p.2) as palavras de Freud.
172. Lembro aqui a afirmação que o chapeleiro de Maria Antonieta fez à sua exigente cliente: “nada é novo, madame, apenas o que foi esquecido”. Esquecimento que a psicanálise ajudou a desvendar as causas.
173. Grifo meu.
174. Me refiro ao capítulo 24 de seu livro: Enfim, por uma nova ordem simbólica.
175. Cf. o presente trabalho minhas alusões sobre a sublimação (p. 30-1)
- 176 Cf. presente trabalho as palavras de Freud (P. 6-7).
177. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*, vol. I, A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1980, p. 21ss.
178. O medo da morte é um dos melhores motivos para sublimarmos, pois ninguém escapa à esse medo. Ou seja ninguém exorciza o medo da morte, ninguém o supera, ainda mais, todo ele.
179. Cf. presente trabalho sobre lapsos de escrita. P. 9
180. Cf. *Michaelis. Dicionário ilustrado*. São Paulo: Melhoramentos, 1958.
181. “Teve crises nervosas em 1913 e 1915. Temendo a reincidência da doença e a tensão que isto provocaria no marido, suicidou-se em 1941. Leonard Woolf escreveu livros históricos e políticos. Reuniu e editou as obras de sua mulher” (*Enciclopédia Koogan-Houaiss Digital*).
- ¹⁸² Cf. Hiil/Wallace. *Erótica. Uma antologia ilustrada da arte e do sexo*, RJ, Ediouro, 2003. p. 16.